



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - CAMPUS V
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

JEÃ CLÉBER SANTOS LINS

**MEMÓRIAS DOS CONFINES DA ILHA: DO AMBIENTE
FAMILIAR ÀS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA - UM DEDO DE
PROSA ENTRE O PRESENTE-PASSADO PARA PRODUÇÕES
NARRATIVAS**

Santo Antônio de Jesus-Ba

2023

JEÃ CLÉBER SANTOS LINS

**MEMÓRIAS DOS CONFINS DA ILHA: DO AMBIENTE
FAMILIAR ÀS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA - UM DEDO DE
PROSA ENTRE O PRESENTE-PASSADO PARA PRODUÇÕES
NARRATIVAS**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação – PROFLETRAS, Mestrado Profissional em Letras da Universidade do Estado da Bahia, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Letras, na linha de pesquisa em Estudos Literários.

Orientador: Professor Dr. João Evangelista do Nascimento Neto.

Santo Antônio de Jesus - Ba

2023

FICHA CATALOGRÁFICA

Sistema de Bibliotecas da UNEB

Dados fornecidos pelo autor

Lins, Jeã Cleber Santos

Memórias dos confins da ilha: do ambiente familiar às aulas de língua portuguesa – um dedo de prosa entre o presente-passado para produções narrativas / Jeã Cleber Santos Lins . – Santo Antônio de Jesus, 2023.

104 fls. : il.

Orientador: Prof. Dr. João Evangelista do Nascimento Neto

Dissertação (Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS) Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação Profissional em Letras – (PROFLETRAS), *Campus V*. 2023

Inclui Referências.

1. Letramento literário. 2. Leitura. 3. Escrita. I. Nascimento Neto, João Evangelista dos Santos. II. Título. III. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas.

CDD 410

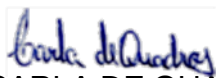
FOLHA DE APROVAÇÃO
"MEMÓRIAS DOS CONFINES DA ILHA: DO AMBIENTE FAMILIAR ÀS DE AULAS
DE LÍNGUA PORTUGUESA
- UM DEDO DE PROSA ENTRE O PRESENTE-PASSADO PARA PRODUÇÕES
NARRATIVAS"

JEÃ CLEBER SANTOS LINS

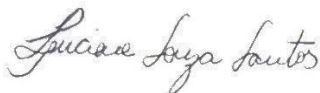
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Letras – PROFLETRAS, em 18 de abril de 2023, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras pela Universidade do Estado da Bahia, conforme avaliação da Banca Examinadora:



Prof. Dr. JOÃO EVANGELISTA DO NASCIMENTO NETO
UNEB
Doutorado em Letras
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul



Prof.ª Dr.ª CARLA DE QUADROS
UNEB
Doutorado em Letras
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul



Prof.ª Dr.ª LUCIENE SOUZA SANTOS
UEFS
Doutorado em Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade Federal da Bahia

À minha ancestralidade,
alicerce meu.

AGRADECIMENTOS

Em uma de minhas caminhadas pela praia de Cacha-Pregos, durante a atividade de campo, algumas ponderações brotaram de súbito. Pensei, dentre outras coisas, qual teria sido o primeiro humano a pisar aquele lugar. Quem teria, pela vez primeira, sentido o calor de suas águas mornas? Qual o primeiro par de olhos avistou ambiente tão cativante? Olhando atentamente para o entorno, cada coqueiro, cada crustáceo sobre a areia e outros tantos elementos naturais ocupavam um lugar específico, ainda que suas existências, assim como a minha, sejam transitórias. Da mesma maneira, durante esses dois anos de vivências no Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, algumas pessoas ocuparam seus lugares e, cada um à sua maneira, contribuíram para que essa jornada fosse possível e ainda mais prazerosa. Sei que, porventura, por minha limitação humana, talvez um infeliz lapso de memória me furte a chance de um merecido agradecimento.

No período de escrita deste trabalho, os meus maiores companheiros foram o silêncio e a solidude. E, justamente com essas companhias tão importantes, senti ainda mais em meu interior a presença da Força Maior da qual fazemos parte, causa de todas as coisas, essa fonte que nunca seca e que, desde sempre e pelas eras se expande ao infinito. A esta Força Maior, meu primeiro agradecimento não poderia deixar de ser feito. Gratidão da mesma forma, ao Senhor Tempo. Gratidão à minha ancestralidade, semente de minha existência, vozes que, mesmo não estando mais no plano da matéria tangível, ecoam através de mim e ressoarão na figura de Enzo Pastor Lins, meu filho. Gratidão a meus pais, Conceição Alves e Luiz Pedro Lins, exemplos de amor e dedicação nessas quase cinco décadas que ao meu lado se fazem presentes. Presentes no riso, presentes na dor. Às minhas irmãs Uelma Lins e Uedna Lins. À minha irmã Jancarla Lins, grande influenciadora do meu êxito em diversos segmentos da vida.

Em 24 meses, muitas coisas aconteceram. Nas voltas dos ponteiros, fatos ocorreram. Pessoas chegaram. Outras, partiram. Aos ausentes, meu máximo respeito e gratidão por terem compartilhado comigo suas vivências. Nesse período, algumas descobertas. Algumas para o riso, outras para o choro. Nessa caminhada, algumas pessoas foram companheiras de percurso, como os cajados apoiando os velhos peregrinos nas longas estradas. Obrigado a meus colegas de curso da Turma VII do PROFLETRAS, em especial ao meu colega de turma e velho amigo da época da Faculdade de Letras da Universidade Federal da Bahia, Lécio Mota. A Júlio César Barbosa, também colega do Curso de Letras, conselheiro dos melhores nas piores horas. À

Thaiane Cunha, exemplo do profissional em educação e mulher revolucionária. À Calila Cunha, pela doçura e delicadeza e palavras de incentivo. Às minhas estimadas amigas Michele e Elisabete Metidiere, mãe e filha, intensas ao extremo, sempre ao meu lado nas mais variadas circunstâncias. À minha querida Rosely Martins, uma incansável incentivadora, com sua picardia de sempre. A Júlio Castro, pessoa de minha admiração, sempre com uma palavra sensata nos momentos precisos. Ao amigo e mestre Jorge Rocha. À Jucinéia Souza, pérola que encontrei no caminho. A Andressa Aragão, exemplo de lealdade e franqueza. Aos meus colegas de trabalho e amigos Cleidivaldo Sacramento, Alessandro Queiroz e Maurício Brasil, parceiros daqueles que entram com o amigo em uma luta e só saem ao final. À “pequena notável” Margarete Andrade, amiga pra todas as horas. Ao meu compadre Marcelo Xavier, exemplo de dedicação profissional e dignidade. Gratidão a Cláudia Meneses, gestora do Colégio Estadual Juracy Magalhães Júnior, pela oportunidade a mim dada em lá atuar e aos educandos do 9º Ano do Ensino Fundamental II.

Desde os primeiros encontros virtuais, por circunstância da pandemia por COVID-19, o acolhimento, a competência e a dedicação das professoras e professores deste mestrado foram um indício da excelência que este seria. Ao Prof. Dr. João Evangelista, meu orientador, meu profundo agradecimento por sua serenidade, humildade e paciência na escuta acerca de minhas dores e delícias durante a escrita e também por suas importantíssimas contribuições. À Prof.^a Dr.^a Gilce Almeida, gentileza personificada, talentosa e acolhedora. À Prof.^a Dr.^a Rosemere Ferreira, simplesmente contagiante em sua paixão pela docência e por sua competência neste fazer. Ao Prof. Dr. Fábio Oliveira, educador atencioso, cordial e que, como poucos, demonstra aos mestrandos o quanto o que se fez pode ser melhorado. À Prof.^a Dr.^a Priscila Peixinho, instigadora das possibilidades e dos talentos que muitos de nós nem percebemos ter. Ao Prof. Dr. Robério Barreto, por sua alegria e perícia no trato com sua disciplina. Meu obrigado à Prof.^a Dr.^a Luciene Souza Santos e à Prof.^a Dr.^a Carla de Quadros, examinadoras da Qualificação desta dissertação e que, em muito, contribuíram para seu aprimoramento. Agradeço a cada profissional da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, *Campus V*, em especial a Juciara Ribeiro da Silva, profissional de excelência e de postura exemplar. Gratidão aos autores e autoras cujas obras tive o privilégio de ler e foram o fio condutor para este trabalho.

LINS, Jeã Cléber Santos. Memórias dos confins da Ilha: do ambiente familiar às aulas de língua portuguesa - um dedo de prosa entre o presente-passado para produções narrativas. 2023. Orientador: João Evangelista do Nascimento Neto. 104 f. il. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade do Estado da Bahia, Santo Antônio de Jesus, 2023.

RESUMO

O conhecimento e a valorização do passado de um povo são fundamentais para o fortalecimento dos vínculos socioafetivos entre os indivíduos que o compõem. Este trabalho tem por proposta estimular os educandos do 9º Ano do Ensino Fundamental II, do Colégio Estadual Juracy Magalhães Júnior, na localidade de Cacha-Pregos, Município de Vera Cruz, Estado da Bahia, Brasil, a refletirem acerca da sua memória individual e coletiva, a partir do contato com a tipologia textual narrativa e o gênero memória. O problema deste estudo é: como as vivências da comunidade de Cacha-pregos, em Vera Cruz/BA podem contribuir para uma autoria de textos memorialísticos na prática de produção textual de estudantes do 9º ano no Colégio Estadual Juracy Magalhães Júnior? Neste trabalho, as bases teóricas acerca da memória foram alicerçadas em Bergson (1959), Bosi (1994-2003), Halbwachs (1950), Le Goff (1990) e Pollak (1989). O importante papel humanizador da leitura literária teve por base Candido (2017) e Cosson (2019). Brito (1989), Le Goff (1990), e Benveniste (2014) foram o esteio para a abordagem histórica da memória. O respaldo quanto aos tipos e gêneros textuais e suas implicações no processo educativo se estabeleceu a partir das contribuições de Aragão (1992), Lejeune (2003), Travaglia (2004), Candido (2017) e Cosson (2019). A metodologia foi fundamentada na pesquisa-ação, sob a abordagem de Thiollent (1998). A elaboração didática a ser aplicada foi baseada em Dolz, Noveraz e Schneuwly (2004). A proposta é uma sequência didática organizada em 10 etapas, constituídas de visitas à comunidade, atividades em sala de aula de caráter individual e coletivo, cujo produto pretendido será uma coletânea de textos memorialísticos.

Palavras-chave: Memórias. Letramento literário. Leitura. Escrita.

Lins, Jeã Cléber Santos. Memories of the confines of the Island: from the family environment to Portuguese language classes – a prose finger between the present-past for narrative productions. 2023. Advisor: João Evangelista do Nascimento Neto. 104 ss. ill. Master's (Professional Master in Letters) – State Universty of Bahia, Santo Antônio de Jesus, 2023.

ABSTRACT

The knowledge and appreciation of the past of a people are fundamental for strengthening the socio-affective bonds between the individuals that compose it. This dissertation aims to encourage students of the 9th year of Elementary School II, from Colégio Estadual Juracy Magalhães Júnior, in the locality of Cacha-Pregos, Municipality of Vera Cruz, State of Bahia, Brazil, to reflect on their individual and collective memory, from the contact with the narrative textual typology and the memory genre. The problem with this study is: how can the experiences of the community of Cacha-pregos, in Vera Cruz/BA, contribute to the authorship of memorial texts in the practice of textual production of 9th grade students at Colégio Estadual Juracy Magalhães Junior? In this work, the theoretical bases about memory were based on Bergson (1959), Bosi (1994-2003), Halbwachs (1950), Le Goff (1990) and Pollak (1989). The important humanizing role of literary reading was based on Candido (2017) and Cosson (2019). Brito (1989), Le Goff (1990), and Benveniste (2014) were the mainstay for the historical approach to memory. The support for textual types and genres and their implications in the educational process was established from the contributions of Aragão (1992), Lejeune (2003), Travaglia (2004), Candido (2017) and Cosson (2019). The methodology was based on action research, under the approach of Thiollent (1998). The didactic elaboration to be applied was based on Dolz, Noveraz and Schneuwly (2004). The proposal is a didactic sequence organized in 10 stages, consisting of visits to the community, individual and collective activities in the classroom, whose intended product will be a collection of memorial texts.

Keywords: Memories. Literary literacy. Reading. Writing.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Ruínas da Igreja de Nosso Senhor de Vera Cruz	18
Figura 2 - Praça em Mar Grande	19
Figura 3 - Condomínio Ponta da Ilha	20
Figura 4 - Manguezal à margem direita da chegada a Cacha-Pregos	21
Figura 5 - Núcleo urbano mais antigo da localidade de Cacha-Pregos	21
Figura 6 – Novo complexo de bares Cacha-Pregos.....	22
Figura 7 - <i>Echinorhinus brucus</i> (Peixe-prego)	22
Figura 8 - Grupo de pescadores em momento de socialização	23
Figura 9 - Panorâmica do Porto de Cacha-Pregos	24
Figura 10 - Vista parcial da costa marítima de Cacha-pregos	24
Figura 11 - Interior da Igreja de Santo Amaro	26
Figura 12 - Frente do Colégio Estadual Juracy Magalhães Júnior	27
Figura 13 - Vista interna da escola	28
Figura 14 - Uma das cinco salas de aula da escola	29

LISTA DE MAPAS

Mapa 01 – Localização da Ilha de Itaparica.....	17
Mapa 02 – Mapa de Cacha Pregos.....	20

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 LÁ, MAR ACOLHE O RIO: UM CANTINHO NOS CONFINES DA ILHA.....	17
2.1 A COMUNIDADE DE CACHA-PREGOS	19
2.2 CACHA-PREGOS: ORIGEM DO NOME.....	22
2.3 ATIVIDADES ECONÔMICAS E ATRATIVOS NATURAIS.....	23
2.4 FESTIVIDADES E CULINÁRIA.....	25
2.5 O COLÉGIO ESTADUAL JURACY MAGALHÃES JÚNIOR.....	27
2.6 MEMÓRIAS DE MINHA INFÂNCIA, COMUNIDADE E ESCOLA.....	30
3 TEMPO, TEMPO, TEMPO: O UNIVERSO DA MEMÓRIA.....	32
3.1 CONCEITO GENÉRICO DE MEMÓRIA.....	33
3.2 MEMÓRIA SOB O PONTO DE VISTA ORGÂNICO-GENÉTICO.....	33
3.3 TIPOS DE MEMÓRIA.....	36
3.3.1 Bergson: memória – hábito e memórias singulares.....	37
3.3.2 Memória e os contextos sociais em Halbwachs.....	39
3.3.3 Distinções entre os conceitos de Bergson e Halbwachs.....	40
3.3.4 Pollak: memória, esquecimento, silêncio.....	40
4 O MAR SERENOU: MEMÓRIA E EDUCAÇÃO.....	44
4.1 A MEMÓRIA NA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR.....	46
5 UM BARCO À BEIRA MAR: TIPOS E GÊNEROS TEXTUAIS.....	48
5.1 TIPO NARRAÇÃO.....	50
5.2 GÊNERO MEMÓRIA.....	52
5.3 GÊNERO MEMORIALÍSTICO E A SALA DE AULA.....	53
6 QUEM POR AQUI PASSOU: ATIVIDADE DIAGNÓSTICA.....	56
6.1 FAZER HISTÓRIAS, CONSTRUIR MEMÓRIAS.....	60
6.2 SEQUÊNCIA DIDÁTICA.....	62
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	100
REFERÊNCIAS.....	102

1 INTRODUÇÃO

Se você conhecesse sua história,
Então você saberia de onde está vindo.
Então você não teria de me perguntar:
Quem, inferno, eu estou pensando que sou?
(Bob Marley e Noel Williams)

Fez-se outono. Por mero capricho, deixei a vida uterina na mesma data em que minha cidade natal, Salvador, comemorava mais um aniversário. Era 29 de março de 1976. Sob o signo de Áries e, regido pelo orixá da caça, Oxóssi, e por seu irmão, Ogum, assim vim a esse planeta tão deslumbrante. Por ser filho de um pernambucano e de uma baiana, trago, em boa parte de mim, o estado de Pernambuco e a felicidade de ser baiano. Desde minha primeira infância, algumas lembranças são bastante vívidas: lembro-me do Volkswagen Fusca de meu pai e o quanto o achava parecido com um capacete. Não há como esquecer o medo que sentia, à noite, em minha abstração infantil, de uma planta que minha mãe cultivava no quintal, pois eu a associava a um lobo faminto. Achava curioso o nome de um bairro, chamado Castelo Branco e imaginava haver, de fato, um castelo por lá. Da mesma maneira, pensava que Mata Escura se tratava de uma floresta, habitada por animais silvestres. Ficava intrigado pra onde iria a água do mar, ao ir a Itapuã, até hoje meu lugar preferido em Salvador, com o baixar da maré.

A capa do icônico LP Bob Marley, *Legend*, até hoje não me sai da memória e, agora adulto, sempre que a vejo no Spotify, a evocação deste tempo bom vem à tona. A canção de Djavan *Sina*, cantarolada por meus pais, nunca esqueci, especialmente o verso “pai e mãe, ouro de mina”, que eles tanto gostavam. Também não me sai da cabeça a primeira vez que vi meu saudoso avô paterno, Manuel Freixeiras Lins, residente no estado de Pernambuco. Minha avó paterna, Luzia Fortunata Lins, assim como minha avó materna, Cecília Alves, não tive a oportunidade de conhecer. De fato, foi com meu avô materno, Euclides Alves, que tive a chance de conviver de forma mais intensa.

Um ditado espanhol já cravava “*no creo en las brujas, pero que las hay, las hay...*”. Em todo o caso, sendo praticamente tudo possível neste universo quântico de tantas possibilidades e ainda tão pouco explorado, prefiro não duvidar de nada, sendo questionador e pouco apto a ser seduzido por receitas prontas. Gosto do mistério da noite, instigam-me os segredos ocultos em cada olhar e o preço da dúvida me atrai bem mais que as certezas previsíveis. A memória sempre me seduziu. Não que eu seja essencialmente cultuador do passado, mas que revisitar o tempo me seduz, não nego. Na musicalidade de Belchior, deleito-me em seus versos que, volta e meia, retomam experiências marcantes da vida daquele cantor. E que dizer da letra psicodélica

de *Avohai*, de Zé Ramalho, em sua narrativa de infância e início de vida adulta? Não, o gosto pelo gênero memória não é algo recente em minha vida.

Em um modelo social extremamente competitivo e imediatista, qual seria a importância e, sobretudo, o lugar para a memória? Como as instituições deveriam estabelecer relações com esse tema tão importante? A educação básica poderia estimular seus jovens a refletirem sobre o papel da memória individual e coletiva? A memória é um elemento de vital importância para o fortalecimento dos vínculos familiares, da formação de caráter dos indivíduos e, ainda, componente imprescindível para a construção da identidade do ser. Coletivamente, a memória é a base para a construção do saber histórico de uma comunidade. A universidade não deve negligenciar sua função social para a promoção do indivíduo enquanto sujeito histórico. O fazer acadêmico deve observar sua responsabilidade social, fomentando projetos e ações que tenham por objetivo o despertar da consciência dos estudantes quanto à sua memória individual e de sua coletividade. Especificamente, nos cursos de licenciatura, parece-me que esta responsabilidade seja ainda maior, visto que nós, educadores e educadoras, temos a possibilidade de sermos fomentadores da problematização da temática memória em nossas turmas, com uma enorme capilaridade, influenciando uma gama considerável de pessoas.

Do ponto de vista educacional, a memória permite à comunidade escolar, através das experiências passadas, compreender melhor o presente e vislumbrar, ainda que parcialmente, o futuro. O entendimento de seu passado histórico familiar e individual, possivelmente, contribuirá para o fortalecimento identitário e da reafirmação dos vínculos socioafetivos dos educandos, educadores, funcionários e todos os demais membros da comunidade escolar. A percepção, a partir da leitura de textos escritos pelos estudantes, na modalidade escrita e, também, por meio da expressividade oral, pela maioria dos educandos, durante o exercício docente, me levou à inquietação do quanto o conhecimento das histórias individuais e coletivas destes eram pouco conhecidas. Desta constatação, me veio à mente a ideia de empreender o trabalho aqui proposto.

A partir de minha experiência enquanto educador da Rede Pública de Ensino do Estado da Bahia, desde outubro de 2006, resolvi me ater ao tema. Notei, durante anos, nos planejamentos de aulas, o pouco ou quase nenhum espaço destinado ao assunto, fomentando, assim, minha ideia para a temática deste trabalho. Por muitas vezes, após as reuniões de planejamento pedagógico, nas unidades escolares, senti-me intrigado quanto à ausência de debates e propostas que visassem fomentar nos educandos o desejo de explorar a memória. Esse sentimento de falta de apreço ao tema foi - e continua sendo - um provocador de intensa inquietação profissional para mim.

Em alguns momentos, ao sugerir a temática memória, durante as reuniões pedagógicas, era perceptível o desinteresse pelo assunto por grande parte dos colegas. Ainda não sei, ao certo, a real origem, mas esse desinteresse não me desmotivou da temática. Em diversas oportunidades, ao propor aos educandos a elaboração de textos na modalidade escrita do tipo narrativo, no gênero memorialístico, percebi o quanto eles tinham a narrar. Narrar suas trajetórias e dos seus - falar de sua gente e de seu lugar de origem. Contar suas dores e seus amores, seus risos e dissabores. O processo de descobertas, ao mergulhar no imaginário de recordações desses educandos, me impulsionou a buscar maior aprofundamento acadêmico quanto aos textos narrativos memorialísticos. Decidi, então, participar da seleção do Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS - no início do ano de 2020, pouco antes da chegada da pandemia de Covid-19 no Brasil.

Após aprovação e começo das aulas, estruturei uma proposta de pesquisa na qual optei por investigar: *como as vivências da comunidade de Cacha-pregos, em Vera Cruz/BA podem contribuir para uma autoria de textos memorialísticos na prática de produção textual de estudantes do 9º ano no Colégio Estadual Juracy Magalhaes Junior?* A resposta a essa indagação, desta forma, constitui-se como objetivo geral deste trabalho, a saber, despertar o interesse dos educandos pela escrita de textos narrativos no gênero memória. Diante dessa hipótese, uma profusão de ideias veio à tona. À minha mente, uma gama de possibilidades, ainda que não bem definidas, e de caminhos a serem trilhados, se fizeram presentes. Essas possibilidades, inicialmente, envolveriam a seleção de textos que me dariam o suporte técnico/teórico quanto ao modo de como esse trabalho seria desenvolvido no seio da sala de aula e nas atividades *extra muros* na comunidade de Cacha-Pregos.

Este trabalho está estruturado em sete seções. Na primeira seção, se encontra a introdução. A segunda seção, intitulada *Lá, Mar acolhe o Rio: Um Cantinho nos Confins da Ilha*, descreve o município de Vera Cruz/BA e da localidade de Cacha-Pregos, *locus* da pesquisa e da aplicação do projeto. Aspectos históricos, sociais e culturais compõem essa descrição, assim como uma apresentação do Colégio Estadual Juracy Magalhaes Junior. A terceira seção – *Tempo, Tempo, Tempo: O Universo da Memória* - aborda o conceito genérico do termo e, sob o ponto de vista científico, seus processos orgânicos e genéticos. Na esfera filosófica e sociológica, expõe as contribuições de alguns estudiosos quanto à relação memória e sociedade. A quarta seção, designada *O Mar Serenou: O Fazer educativo e a Memória*, analisa os liames entre memória e educação, especialmente a partir dos documentos oficiais. A quinta seção – *Um Barco à Beira mar: Memória Apreendida pela Escrita* – explana os tipos e gêneros textuais, com o enfoque no tipo de narração e no gênero memória. Também abarca as implicações do

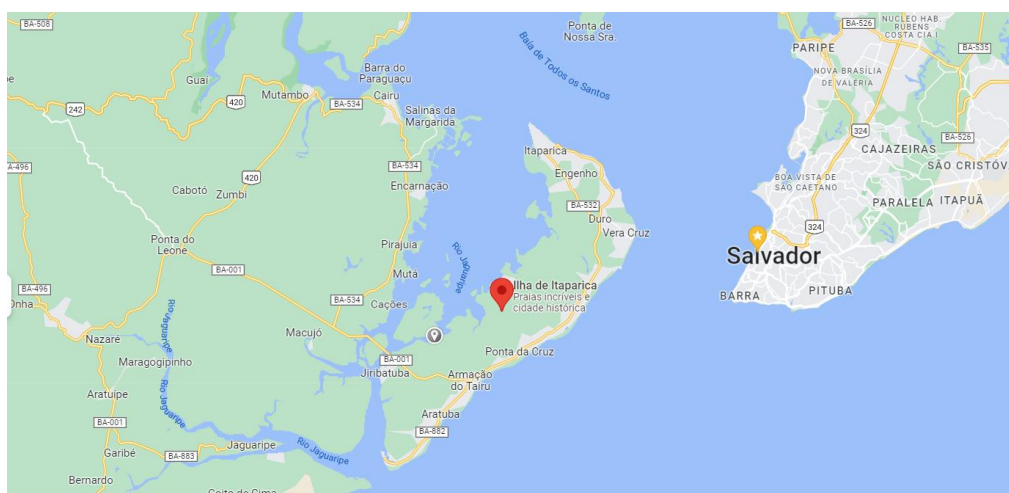
gênero memória em sala de aula. A sexta seção, intitulada *Quem por aqui passou: Atividade Diagnóstica*, comenta o processo de concepção do projeto e da escolha pela pesquisa de natureza interventiva. Da mesma forma, esta seção descreve momentos de visita a campo e suas repercussões. Ainda, apresenta a proposta da atividade interventiva. A sétima seção, *Considerações Finais*, comenta sobre a realização deste empreendimento.

2 LÁ, MAR ACOLHE O RIO: UM CANTINHO NOS CONFINES DA ILHA

Todas as manhãs junto ao nascente dia
ouço a minha voz-banzo,
âncora dos navios de nossa memória.
E acredito, acredito sim
que os nossos sonhos protegidos
pelos lençóis da noite
ao se abrirem um a um
no varal de um novo tempo
escorrem as nossas lágrimas
fertilizando toda a terra
onde negras sementes resistem
reamanhecendo esperança em nós.
(Conceição Evaristo).

Historicamente, a Ilha de Itaparica, na época da chegada dos portugueses, tinha os indígenas Tupinambás como seus autóctones. As marcas deste povo se preservaram, sendo claramente perceptíveis no fenótipo de boa parte dos habitantes, na culinária e nas narrativas. Os portugueses também deixaram suas impressões, desde a sua chegada com Diogo Álvares Correia, o Caramuru. Por fim, e não menos marcante, a contribuição dos africanos se estabeleceu na composição étnica e cultural da população que hoje vive em Itaparica.

Mapa 1 - Localização da Ilha de Itaparica em relação a Salvador



Fonte: Google Maps.

Vera Cruz é um dos 417 municípios do Estado da Bahia, integrante da Região Metropolitana de Salvador (RMS). Ao lado do município de Itaparica, Vera Cruz ocupa o território da Ilha de Itaparica. Em seus primórdios, Vera Cruz teria sido uma aldeia, iniciada pelos jesuítas Padre Antônio Pires e o irmão Manuel de Andrade, em 1560. Algum tempo

depois, passou a ser chamada de “Santa Cruz”. Essa aldeia se fixava onde hoje há uma localidade chamada Baiacu, sendo este o primeiro povoado surgido na ilha de Itaparica, ainda em 1560. Naquela ocasião, os portugueses construíram a segunda Matriz do Brasil, em homenagem ao Nosso Senhor de Vera Cruz. Deste modo, explica-se a origem do nome conferido ao município. Hoje, a Igreja Matriz encontra-se em ruínas e, ao seu lado, está localizado o Cemitério Municipal de Baiacu.

Figura 1 - Ruínas da Igreja de Nosso Senhor de Vera Cruz, na localidade de Baiacu



Foto: Arquivo pessoal.

A sede administrativa do Município de Vera Cruz é Mar Grande. Nesta sede, há três agências bancárias: Banco do Brasil, a mais antiga, Itaú e Caixa Econômica Federal. Além destas, há uma Agência do Instituto Nacional de Seguro Social (INSS). Também se faz necessário destacar o novo Distrito Integrado de Segurança Pública de Vera Cruz (DISEP), inaugurado em maio de 2018. Esse complexo é composto por unidades da Polícia Militar, Polícia Civil e Técnica (com necrotério) e Corpo de Bombeiro Militar. Pode-se perceber, ainda, programas e serviços oferecidos à população do município, tais como o Centro de Atenção Psicossocial (CAPS); Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI); Programa de Atenção ao Trabalho (PAT); Serviço Médico de Atendimento de Urgência (SAMU); Programa de Saúde à Família (PSF); Creches; Transporte escolar; Agente Jovem; Centro de Convivência para Idosos; Programa Nacional de Atenção à Família (PRONAF); Centro de Referência de Assistência Social (CRAS); Programa de Atenção Integral à Família (PAIF).

Vera Cruz possui um território de 299 km². Segundo estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2021), a população do município de Vera Cruz é de 44.185 habitantes, tendo uma densidade demográfica de 125,33 habitantes por km². Apresenta 24,6% de domicílios com esgotamento sanitário adequado, 62,3% de domicílios urbanos em vias

públicas com arborização e 3,7% de domicílios urbanos em vias públicas com urbanização adequada, ou seja, com a presença de bueiro, calçada, pavimentação e meio-fio. Ainda, segundo o IBGE, o Índice do Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) do município de Vera Cruz, em 2019, era de 4,8 nos anos iniciais do Ensino Fundamental da rede pública e 3,5 para os anos finais do Ensino Fundamental. Em 2020, foram matriculados 5.193 estudantes nos 44 estabelecimentos de Ensino Fundamental do município.

Figura 2 - Praça em Mar Grande, com destaque para a Igreja Matriz



Foto: Arquivo pessoal.

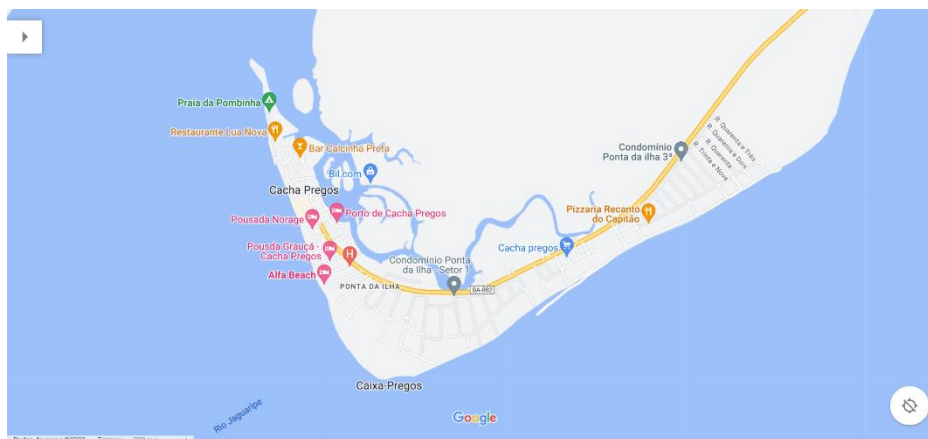
Lugar simbólico por sua vinculação aos primórdios da ocupação portuguesa na costa brasileira, Vera Cruz possui muitas histórias a serem contadas. Uma das mais conhecidas foi a morte do donatário da Capitania da Bahia, Francisco Pereira Coutinho, devorado pelos indígenas tupinambás. Esse fato ocorreu justamente na localidade hoje denominada Cacha-Pregos. Certamente, muitas outras narrativas, anteriores e posteriores à ocupação portuguesa, tendo esse pedaço de Bahia como cenário, perderam-se com o passar dos séculos, enquanto diversas e marcantes sobreviveram à passagem do tempo e não caíram no vasto oceano do esquecimento.

2.1 A COMUNIDADE DE CACHA-PREGOS

Cacha-Pregos é uma localidade situada no extremo sul do município de Vera Cruz, no Estado da Bahia, Brasil. O acesso à localidade de Cacha-Pregos pode ser realizado por via terrestre, pela Ponte do Funil, para quem se desloca do Baixo Recôncavo Sul Baiano, a exemplo de quem tem como ponto de partida a cidade de Santo Antônio de Jesus, maior da região. Por sua vez, quem partir da capital, Salvador, tem como opção o sistema aquaviário. Neste caso, as opções são o sistema ferry-boat, partindo do Terminal Náutico de São Joaquim, no Bairro da

Calçada, com embarcações de grande porte, saindo em intervalos de uma hora, e a travessia feita pelas, localmente, denominadas lanchinhas, em estrutura de madeira, a cada 30 minutos, do Terminal Náutico da Bahia, no Bairro do Comércio.

Mapa 2 - Mapa de Cacha-Pregos



Fonte: Google Maps.

Quem optar pelo sistema ferry-boat terá como destino a localidade de Bom Despacho, enquanto aqueles que cruzarem a Baía-de-Todos-os-Santos pelas lanchinhas terão como ponto de chegada a Ilha de Itaparica, na localidade de Mar Grande. A partir de então, o deslocamento até Cacha-Pregos deverá ser realizado pela Rodovia BA-001. Vale ressaltar que a travessia via ferry-boat oferece aos usuários a possibilidade de cruzarem com seus veículos, enquanto a travessia por lancha é exclusivamente para passageiros. Nos dois casos, há a prestação de serviço de transporte, localmente, por meio de táxis e de vans.

Figura 3 - Condomínio Ponta da Ilha, um dos vários existentes à margem esquerda da entrada de Cacha-Pregos



Foto: Arquivo pessoal.

Ao chegar à localidade de Cacha-Pregos, é inevitável não perceber o contraste socioeconômico quanto à ocupação humana em seu solo. À esquerda, nota-se a presença de condomínios privados, em sua maioria, construídos a partir da década de 1970. Este lado esquerdo, para quem chega, coincide com o lado da praia, mais valorizado. Enquanto isso, do lado oposto, predominantemente ocupado por manguezais, a ocupação foi feita de forma não-planejada, em condições precárias por pessoas de menor poder aquisitivo.

Figura 4 - Manguezal à margem direita da chegada a Cacha-Pregos



Foto: Arquivo pessoal.

Ao adentrar a localidade, a ocupação humana se torna bastante concentrada em casas de andares, estilo sobrados, geralmente, prédios familiares. Em alguns desses imóveis, há pequenos negócios, a exemplo de mercearias, bares, salões de beleza, barbearias e sorveterias. A densidade demográfica nesse trecho é muito maior que nos demais pontos da região. Notadamente, esse espaço é ocupado por moradores mais antigos e seus descendentes. Cada metro quadrado parece ser bastante disputado e as construções são erigidas bem próximas da via de acesso.

Figura 5 - Núcleo urbano mais antigo da localidade de Cacha-Pregos

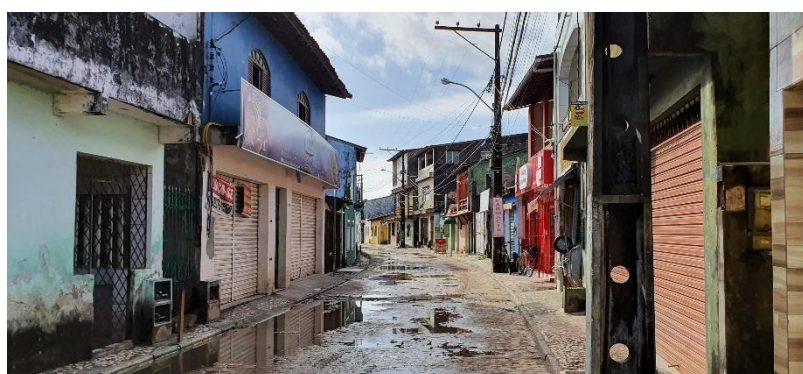


Foto: Arquivo pessoal.

Chegando até a orla, onde fica o Colégio Juracy Magalhães, o visual se modifica bastante. O espaço é bastante amplo, arborizado e apresenta a quem por lá passa uma bela visão do mar. Nesse trecho, existe o novo complexo de bares recém-inaugurado pelo Governo do Estado e o novo terminal Náutico de Cacha-pregos, que conecta as embarcações com destinos como Morro de São Paulo e Jaguaripe.

Figura 6 – Novo Complexo de bares de Cacha-Pregos



Foto: Arquivo pessoal.

2. 2 CACHA-PREGOS: ORIGEM DO NOME

O nome Cacha-Pregos surgiu por volta do século XVII, como uma junção dos termos “caixa” e “peixe-prego”. Segundo o Dicionário Etimológico Resumido, de Antenor Nascentes, o verbete caixa vem do grego *kápsa*, através do Latim *capsa* e do Catalão *caixa*. Por sua vez, segundo a mesma fonte, o termo prego vem do espanhol *priego*. Essa associação dos termos teria ocorrido por conta da grande quantidade deste peixe na região, costumando muitos ficarem presos nas poças de água que são assemelhadas a caixas.

Figura 7 - *Echinorhinus brucus* (Peixe-prego)



Fonte: Arthur Bartholemew / Domínio público.

O *Echinorhinus brucus*¹ (peixe-prego), geralmente, vive em águas profundas, mas também pode ser encontrado em águas rasas, temperadas e tropicais. É encontrado com frequência desde o Atlântico Leste até o oeste do Oceano Índico. O peixe-prego tem por hábito ser uma espécie de peixe de comportamento solitário e, como nadador, considerado lento. Quando tem a necessidade de ser mais veloz, para capturar alguma presa, assim o faz, mas por um breve período. Suas presas incluem outros peixes menores e alguns crustáceos. Mede entre 150-210 cm de comprimento. Tem coloração de acastanhada a púrpura acinzentada, tendo o ventre mais claro e curto focinho. Possui muitos dentículos na cor branca parecidos a espinhos na superfície do corpo. A ocorrência hoje do peixe-prego na região, segundo os pescadores, está escassa. O motivo dessa escassez é desconhecido.

2. 3 ATIVIDADES ECONÔMICAS E ATRATIVOS NATURAIS

Segundo Lopes & Miranda (1995), a Ilha de Itaparica está localizada, estrategicamente, na entrada da Baía de Todos os Santos, sendo a maior de todas as ilhas existentes naquela baía. A localidade de Cacha-Pregos está situada no extremo sul da Ilha de Itaparica. Ainda, segundo estes pesquisadores, a região de Cacha-pregos possui vasta área de manguezal, em excelente estado de conservação. A principal atividade econômica da localidade de Cacha-Pregos é a pesca de subsistência, ou seja, aquela cuja finalidade primária é o sustento do indivíduo que a realiza e de sua família. Os pescadores se reúnem próximos ao porto da localidade e costumam pescar com rede de arrasto, preferencialmente, fabricadas com nylon. Outrora, a predominância era de redes de algodão, porém este material é bem menos durável e, por esse motivo, perdeu a preferência por sua utilização.

Figura 8 - Grupo de pescadores em momento de socialização. Em primeiro plano, ao chão, rede de arrasto de nylon, predominante na região



Foto: Arquivo pessoal.

Em visita *in loco*, percebi a coesão entre um grupo de pescadores, enquanto jogava

¹ Disponível em: <https://www.ufrgs.br/faunadigitalrs/echinorhinus-brucus-peixe-prego/>. Acesso em: 10 jun. 2022.

dominó em momento de descontração. Apenas homens estavam presentes, em sua grande maioria, pessoas de meia-idade e idosos. Possivelmente, entre alguns, haveria certo grau de parentesco, visto que a população da localidade não é tão volumosa. Além da pesca, a economia da localidade se caracteriza por uma rede de serviços, em pequenos empreendimentos, a exemplo de salões de beleza e barbearias. No setor de vendas, há a predominância de mercadinhos e lanchonetes. Na localidade, existem algumas pousadas à disposição dos visitantes. Não existe posto de gasolina em Cacha-Pregos. Também não há supermercados ou farmácias de grande porte.

Figura 9 - Panorâmica do Porto de Cacha-Pregos, com destaque para os barcos coloridos



Foto: Arquivo pessoal.

O porto de Cacha-Pregos concentra uma quantidade significativa de embarcações, todas de madeira e de acanhado porte, visto que a pesca é realizada em pequena escala. O colorido das embarcações facilmente chama a atenção de quem visita o local, com a predominância das cores azul, vermelho e branco, em contraste ao verde da vegetação de manguezal ao fundo e com a cor amarronzada do solo durante a maré baixa. Os barcos, em sua grande maioria, aparentam um bom estado de conservação, o que indica zelo pelos proprietários.

Figura 10 - Vista parcial da costa marítima de Cacha-pregos



Foto: Arquivo pessoal.

A localidade é muito visitada, especialmente, aos finais de semana e, sobretudo, nos meses de verão. É nessa época que a presença de turistas de outros estados e de outros países ocorre de forma mais significativa. Cacha-Pregos possui alguns atrativos naturais para os visitantes, a exemplo da costa de 6 km de extensão, um encontro do rio com o mar e um manguezal.

A orla da localidade é caracterizada por um gramado bem cuidado, algumas árvores frondosas e clima bastante arejado. Durante a maior parte da semana, em especial, no outono e inverno, apresenta pouco movimento de pessoas. As condições de balneabilidade parecem excelentes, pois a limpeza e a conservação do local aparentam receber bastante atenção. Do lado oposto à orla de Cacha-Pregos, nota-se a Ilha do Amor, muito procurada por turistas e moradores, cuja travessia é feita por pequenos buracos e, em média, dura cerca de 10 minutos. Suas areias são alvas e a água é cristalina. Os visitantes costumam levar comida e bebida e, geralmente, passam a maior parte do dia, retornando ao final da tarde. Em conversa com alguns moradores, o local teria esse nome por ser inabitado e bastante propício para os casais ficarem à vontade para seus idílios.

2. 4 FESTIVIDADES E CULINÁRIA

A festa do padroeiro local, Santo Amaro², conhecida como Festa de Cacha-pregos, não poderia deixar de ser mencionada. Este evento é a principal referência festiva da localidade. A origem data de, aproximadamente, 80 anos e ocorre entre os dias 10 a 14 de fevereiro. Além do caráter religioso, a festividade também tem bastante música popular e grande concentração de pessoas em busca de diversão. Atualmente, os ritmos predominantes são o arrocha e o pagode. Parte integrante da festa de Cacha-Pregos também é a corrida de saveiros entre a localidade e o município de Jaguaripe. A Festa de Cacha-Pregos mobiliza boa parte da população da Ilha de Itaparica, atraindo muitos participantes:

² Santo Amaro, ou Santo Mauro, nasceu na Itália, na cidade de Roma, e era filho do senador Eutíquio e sua mãe foi Júlia, mulher da nobreza. Aos 12 anos, sentiu a vocação para a vida religiosa, solicitando a autorização dos pais para tal empreendimento. Seu despertar para a vida religiosa teria ocorrido após um sonho, no qual teria recebido uma mensagem que daria conta de que ele seguiria rumo à santidade, caso dedicasse sua vida a Jesus Cristo na carreira sacerdotal. Após a aprovação da família para seguir a vocação como religioso, seu pai confiou-o aos cuidados de Bento de Núrsia Amaro, venerado pela Igreja como “pai dos monges ocidentais”. Com o tempo, Amaro passou a ser o mais querido discípulo de São Bento, sendo convidado para ir com ele ao Mosteiro de Montecassino, na Itália, local no qual exerceu a função de administrador. Segundo registros da época, Amaro era um homem virtuoso, humilde e caridoso. Passados alguns anos, em 535, foi solicitado a São Bento que abrisse um mosteiro na Gália, hoje França. Para tanto, este designou Amaro para cumprir esse desígnio. Sua morte está datada em 15 de janeiro de 584. Seu sepultamento aconteceu na Igreja de São Martinho, local de suas habituais rezas. Hoje, suas relíquias se encontram na capela do Mosteiro de Montecassino. Amaro foi canonizado pela Igreja Católica Apostólica Romana e a festa de Santo Amaro é celebrada no dia de sua morte.

A festa de Santo Amaro de Cacha Pregos, com seu compartilhamento de memórias e 'realidades' comuns aos ilhéus que participam desse rito espetacular, constitui-se um palco onde as cenas que eles protagonizam nas suas comunidades são atualizadas na travessia que cruza a ilha em direção ao município de Jaguaripe, explodindo em samba, cantorias, 'grito de carnaval' e a procissão final que reconduz a imagem de Nossa Senhora da Ajuda à sua igreja matriz em Jaguaripe. A festa simboliza a devoção ruidosa a Santo Amaro, “o riso como poder revolucionário, potência criativa, capaz de confrontar-se com a decomposição e o renascimento da vida”. (GOMES, 2017, p. 89).

Figura 11 - Interior da Igreja de Santo Amaro, na localidade de Cacha-Pregos



Foto: Página do Facebook *Festa de Cacha Pregos*, 2022.

A interrelação entre ciências, arte e o caráter lúdico se fazem presentes na festa pois “[...] os brincantes possuem um senso estético próprio, improvisam, adaptando-se ao momento, grafando, com seus símbolos, figurinos, música e dança, os acontecimentos do cotidiano, que manifestam no festejo”. (GOMES 2017). O aqui e o agora é, desta forma, vivenciado intensamente, em um grande clima de experimentação coletiva, recheado pelas memórias.

Na culinária, os sabores são, predominantemente, relacionados aos frutos do mar. Um dos pratos mais famosos é a moqueca de quarto³. Este nome é uma alusão ao esquartejamento do siri, em sua região central. A receita é composta por siri, leite de coco, azeite de dendê, sal, tomate, cebolinha picada, coentro picado, cebola picada, alho, leite de coco, pimentão e cebola em rodela (para decoração após o preparo do que for cozido).

Além da moqueca de quarto, a mariscada é outra iguaria muito procurada pelos visitantes e apreciada pelos nativos. Siri, aratu, camarão, ostras e outros ingredientes, a exemplo do azeite de dendê, são constituintes desse prato. Uma outra comida muito típica da região é o caranguejo, geralmente servido com pirão. A quantidade de caranguejo na região é abundante, em virtude do manguezal vasto que circunda boa parte da localidade. Em determinadas épocas do ano, inclusive, é comum observar caranguejos “passeando” nas vias públicas.

³ Disponível em: <https://youtu.be/fdSxeBpPHDs>. Acesso em: 10 jun. 2022.

2.5 O COLÉGIO ESTADUAL JURACY MAGALHÃES JÚNIOR

Em Cacha-Pregos, localiza-se o Colégio Estadual Juracy Magalhaes Junior, ambiente no qual se pretende desenvolver este projeto de pesquisa e intervenção. Espera-se, a partir desta atividade, que os educandos possam aguçar sua percepção enquanto seres históricos, orgulhosos de sua ancestralidade e conscientes do quanto a memória pode ser fundamental para a consolidação dos vínculos afetivos e sociais.

O Colégio Estadual Juracy Magalhães Júnior está localizado na Av. Beira Mar, s/n, Cacha-Pregos, Vera Cruz/BA. Foi fundado em 1966, sendo que o terreno sobre o qual está edificado foi doado pela família do Sr. Valdomiro Pinho. Na época, o prefeito do município de Vera Cruz era o Sr. Almiro Brito que, por sugestão do vereador Sr. Josenir Martins dos Santos, ordenou a construção do colégio. Até a entrega da escola, as crianças da localidade estudavam em um salão de festas. A unidade escolar foi inaugurada com o nome de Aristides Martins dos Santos e sua primeira gestora foi uma delegada escolar - profissional responsável pela gestão das escolas e jardins de infância. Nos seus anos iniciais, atendia apenas as turmas de Alfabetização de 1º ao 5º Ano (Admissão ao Ginásio). A partir da portaria 2345, publicada no Diário Oficial de 14/04/1981, passou a ser chamada Escola Juracy Magalhães, para ministrar o Ensino Fundamental de 1ª a 4ª Série.

Figura 12 - Frente do Colégio Estadual Juracy Magalhães Junior



Foto: Arquivo pessoal.

O nome escolhido para a unidade escolar foi em homenagem a um influente político na época. Juracy Montenegro Magalhães Júnior⁴ nasceu em Salvador/BA, em 30/08/1936. Coursou o Primário, o Secundário e o Clássico no Colégio Mello e Souza, Rio de Janeiro-RJ. Formou-se em Direito pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) em 1959. Atuou como subchefe da

⁴ Disponível em: <https://www.al.ba.gov.br/deputados/ex-deputado-estadual/5000346>. Acesso em: 10 jun. 2022.

Casa Civil da Presidência da República, entre fevereiro e agosto de 1961. Foi professor de Sociologia e Ciências Políticas da Universidade Federal da Bahia e procurador da Prefeitura de Salvador. Na carreira política, foi eleito deputado estadual pela União Democrática Nacional (UDN), para o mandato de 1959-1963, mas renunciou em 13/11/1962. Foi novamente eleito e diplomado deputado estadual pela UDN para o mandato entre 1963-1967. Faleceu em 04/04/1963, sem ser empossado.

Não muito diferente da realidade de outras instituições de ensino público Brasil afora, o nome escolhido deste colégio não está relacionado com nenhuma figura notável da comunidade de Cacha-Pregos ou de qualquer outra parte da Ilha de Itaparica, sendo esta escolha desprovida de qualquer tipo de diálogo ou consulta com a comunidade local, caracterizando-se como uma escolha de caráter vertical. Possivelmente, caso a escolha do nome da unidade escolar fosse pautada em uma discussão junto à comunidade escolar, um nome de relevância local seria escolhido e, provavelmente, essa escolha acarretaria em uma simbologia representativa muito mais significativa para a comunidade, deixando de ser tão somente um nome meramente abstrato.

Figura 13 - Vista interna da escola. Em destaque, o corredor de acesso às salas



Foto: Arquivo pessoal.

Em 08/12/1999, conforme portaria 9804, foi autorizada a criação do Curso de Aceleração I. Em 01/07/2004, sob a portaria 9292, foi implantada a Aceleração I, na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), assim como o Ensino Fundamental II, atendendo de 5ª a 8ª Séries. Na data de 20/09/2012, através da portaria 0846/2012 e processo 0045107-8/2012, publicada em Diário Oficial, a unidade escolar passa a ser denominada Colégio Estadual Juracy Magalhães Júnior. Desde então, iniciou a oferta também de vagas para o Ensino Médio. Até o presente momento, funciona nos turnos matutino, vespertino e noturno. Possui cinco salas de aula, sala da secretaria, sala dos professores, sala da direção e vice-direção, laboratório de informática com acesso à internet banda larga, sanitários com acessibilidade às

pessoas com necessidades especiais. Não possui refeitório nem quadra esportiva.

O Colégio Estadual Juracy Magalhães Júnior está classificado como colégio em área urbana sob administração estadual. A instituição de ensino atende às etapas de Ensino Fundamental e Ensino Médio e às modalidades Ensino Regular e Educação de Jovens e Adultos (EJA). O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) da escola, referente às turmas de Ensino Médio, foi de 3,3, enquanto que, no Ensino Fundamental, foi de 2,8 - números referentes ao ano letivo de 2019. Atualmente, possui 285 educandos matriculados. Sua inscrição no Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) tem como código o número 29202493. Sua nota média no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) foi de 440,56 pontos, com taxa de participação dos alunos de 27% segundo dados de 2019.

Figura 14 - Uma das cinco salas de aula da escola



Foto: Arquivo pessoal.

Originalmente, este projeto de intervenção foi concebido para ser aplicado na única turma de nono ano do turno vespertino, durante o ano de 2022. Infelizmente, por conta do processo de municipalização das séries finais do Ensino Fundamental, o Colégio Estadual Juracy Magalhães Júnior perdeu esta turma, bem como todas as demais deste segmento⁵. Apesar da impossibilidade da aplicação deste projeto no Colégio Estadual Juracy Magalhães Júnior por conta do exposto, isso não impossibilita que este possa ser desenvolvido em outras escolas que tenham como público as séries finais do Ensino Fundamental, em momento posterior. De certa forma, o sentimento de frustração veio à tona, mas isso, de maneira alguma, pode resultar em desistência ao que foi concebido neste projeto. Certamente, nestes rincões do Brasil, muitas comunidades têm muito a dizer sobre suas memórias.

⁵ Em virtude do processo de municipalização, não se tornou necessário o envio da documentação para o Conselho de Ética da Plataforma Brasil.

2.6 MEMÓRIAS DE MINHA INFÂNCIA, COMUNIDADE E ESCOLA

Hoje adulto e educador, muito próximo à minha quinta década de existência, em um exercício de alteridade, imagino o quanto os educandos que por mim passam têm a dizer, o quanto gostariam de dizer e, sobretudo, o quanto precisam dizer. Mesmo com o hiato tempo-espacial entre os dois contextos (a juventude na periferia de Salvador nos idos dos anos 1980 e a realidade dos educandos da Localidade de Cacha-pregos, na segunda década dos anos 2000), essencialmente, os sonhos da juventude sejam um ponto de contato. Diante desse manancial criativo, a expectativa é que muito seja dito nas produções que serão tecidas em cada narrativa. Cada história com suas marcas. Cada narrativa com suas dores e risos.

Das memórias de minha comunidade, carrego as vívidas lembranças de meu início de vida escolar. No meu primeiro dia de contato com a escola, chorei ao perceber que minha mãe não permaneceria comigo após me entregar à professora. Ah, como o tempo afetivo parece não corresponder ao tempo contabilizado pelos ponteiros. Essa lembrança com sabor de infância já ultrapassa os 40 outonos. A minha primeira atividade foi desenhar, com alguns bastões de cera, numa folha de papel ofício, sobre o chão poroso do pátio. Como o Centro Paroquial Paulo VI parecia ser vasto a partir de minha percepção infantil, por volta dos 4 anos de vida.

Daquele momento tão marcante de minha vida, certas vivências até hoje me perseguem: o cheiro do mingau de milho, frequentemente servido no intervalo; o breve descanso após a merenda, sentado, com a cabeça baixa, sobre o braço da carteira escolar; a canção entoada pela turma, após a exortação da professora que antecipava a merenda, cujo verso mais marcante ainda hoje ressoa em meu mais recôndito cantinho de recordações: “quem preparou foi a mamãezinha”. Intrigante como algumas marcas persistem, feito cicatrizes.

Dos colegas, alguns nunca esqueci, apesar da separação que determinadas contingências da vida impuseram. Cada um, ao seu jeito, fez parte daquele tempo e ainda hoje parecem estar presentes, apesar de não termos mais contato presencial. Das professoras nessa fase inicial, Silvia era a minha predileta. Impossível esquecer ser tão dedicado ao exercício docente em sala de aula. Alta, robusta e de voz um pouco grave, sorria-nos com o olhar ao falar. Seus olhos castanhos irradiavam o carinho e seus gestos de ternura nos cativavam. Sabia, como poucas, dosar toda essa serenidade com a autoridade inerente a uma educadora.

Aos domingos, as missas celebradas pelo Padre André Santin, polonês radicado no Brasil, eram um evento marcante para a comunidade, no Bairro do Pau Miúdo, periferia próxima ao centro antigo de Salvador. A Igreja e a escola eram espaços integrados. Na comunidade, as quermesses atraíam a atenção das pessoas, visto que um contingente

significativo comparecia. Entretanto, não somente a Igreja de Roma tinha representatividade na comunidade. Um número expressivo de igrejas evangélicas também se faziam presente.

Não poderia deixar de mencionar o sagrado presente nas religiões de matriz africana, materializado nas muitas casas de candomblé do bairro, e de como o contato com esse universo foi enriquecedor para minha formação, apesar de mero frequentador do universo do povo-de-santo. No contato com o povo-de-santo, vi materializado o respeito mútuo, o valor da hierarquia sem despotismo e a integração com os elementos da natureza, da qual, indissociavelmente, somos parte. Esse contato foi, ao lado de minha educação familiar e escolar, determinante para a construção de minha personalidade e de minha visão de mundo.

Impossível esquecer o caruru de sete meninos, dos quais participei até certa idade, na casa da senhora Roxinha, pessoa de grande importância na comunidade e grande amiga e conselheira de nossa família. Ao lado da ialorixá senhora Evangelina e do babalorixá senhor Valtércio de Ogum, exercia grande liderança entre os adeptos do culto transplantado para cá via Atlântico. Hoje, todos repousam no coração de Olorum. Lembro-me de que setembro sempre era muito esperado por mim para esse evento tão importante para o povo de *axé*. Os sete meninos eram organizados, em círculo, no chão e descalços, ao redor de um enorme *najé*, com fartura de galinha, caruru, farofa, pipoca, cana e tantas outras iguarias tão saborosas e de um aroma tão marcante. Simplesmente impensável esquecer das cores tão chamativas do prato do qual nós, os sete meninos, comungávamos, de forma ordeira e respeitosa, o alimento servido aos *ibejis* - entidades infantis na liturgia de matriz africana.

3 TEMPO, TEMPO, TEMPO: O UNIVERSO DA MEMÓRIA

A vida não é a que a gente viveu e sim
a que a gente recorda,
e como recorda para contá-la.
(Gabriel García Márquez).

O advento das Ciências Humanas foi fundamental para a ampliação dos conceitos sobre memória. A partir do século XX, especialmente, o conceito do verbete se ressignificou, passando a ser considerado como fenômeno social (HALBWACHS, 2013). As interações humanas em seus meios sociais - profissional, religioso, político, afetivo e familiar - passaram a ser consideradas como propulsoras do surgimento das memórias. A quantidade enorme de informações, difundidas pelos meios de comunicação, fruto dos avanços tecnológicos, proporcionou às pessoas uma facilidade de acesso nunca antes experimentada. Essa gama sem precedentes acabou causando certo descuido quanto à criticidade do que se consome, gerando um comprometimento na seleção dos fatos e lembranças do que deve ser preservado e do que deve ser descartado. Essa incapacidade de ação seletiva mais apurada, nas sociedades hodiernas, caracteriza, segundo alguns profissionais da informação, as chamadas sociedades do esquecimento (BRITO, 1989).

Em contraponto às chamadas sociedades do esquecimento, é possível citar as chamadas sociedades de memória, exemplo de antigas sociedades na América do Sul, África e Oceania, que, em tempos remotos, estavam isoladas geograficamente em relação ao chamado mundo ocidental. Naqueles grupos sociais, o papel de legar às novas gerações as vivências e valores daquelas coletividades eram dos chamados guardiões da memória. Como consequência daquelas estruturas, o papel social dos idosos era de extrema relevância. Apesar da existência e amplo uso das tecnologias atuais para a preservação e registro da memória - repositórios virtuais, documentos, discos - e das instituições - bibliotecas e museus - o papel dos idosos, como guardiões da memória, não se extinguiu.

Como seria a existência humana sem a memória? Seria possível a humanidade progredir nos mais variados campos, sem esse recurso cognitivo? A vida social seria possível tal como a compreendemos sem essa faculdade humana? Provavelmente, as relações humanas seriam bem limitadas em relação ao que se observa atualmente, pois a inexistência da memória inviabilizaria procedimentos básicos. Como alguém se lembraria de pessoas e acontecimentos? As indagações expostas, possivelmente, comporiam uma atividade reflexiva bastante ampla, porém, antes, seria fundamental a verificação do conceito de memória, em suas diversas possibilidades. O que seria, conceitualmente, memória? Quais os conceitos mais recorrentes

acerca do verbete?

3.1 CONCEITO GENÉRICO DE MEMÓRIA

Grosso modo, a memória diz respeito à capacidade, inerente aos seres humanos, de reter e acessar informações adquiridas e experiências. Segundo o Dicionário *online* Michaelis (2015), memória é definida como a “Faculdade de lembrar e conservar ideias, imagens, impressões, conhecimentos e experiências adquiridos no passado e habilidade de acessar essas informações na mente.”, “Função psíquica de um indivíduo de reproduzir um estado de consciência passado e reconhecê-lo como tal.” ou, ainda, “Termo geral para denominar a função do sistema nervoso com a capacidade de reconhecer, evocar, reter e fixar as experiências passadas.”, dentre outras definições.

Segundo Le Goff, “A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (LE GOFF, 1996, p. 423). Diante do exposto, é possível afirmar que a memória está presente em todo e qualquer evento humano, uma vez que, através dela, a humanidade guarda, repassa e atualiza várias manifestações de sua existência.

3.2 MEMÓRIA SOB O PONTO DE VISTA ORGÂNICO-GENÉTICO

No campo científico, os mecanismos químicos e orgânicos que promovem os processos de memória ainda não são uniformemente descritos. Apesar dos avanços da neurociência nas últimas décadas, ainda há muito que se descortinar acerca do funcionamento e dos processos quanto ao assunto. Em seu artigo intitulado *Processos Psicológicos Básicos*, os pesquisadores Carlos Alberto Mourão Júnior e Nicole Costa Faria, ambos da Universidade Federal de Juiz de Fora/MG, comentam sobre essa limitação científica existente:

[...] ainda é um mistério entender como potenciais elétricos e fenômenos bioquímicos estão ligados às representações mentais que fazemos, mesmo que alguns neurocientistas se atrevam a dar saltos conceituais, encerrando premissas que a ciência é incapaz de fundamentar [...]. (FARIA E MOURÃO, 2015, p. 3).

De fato, até o momento, os estudos apontam a existência de processos de formação de circuitos neurais, decorrentes da chegada de informações que alcançam o cérebro humano. Em outras palavras, o processo se realiza pela ativação de uma rede de neurônios a partir da recepção de informações. Havendo o reforço desse circuito neural, a informação - seja ela um fato, um sentimento, uma experiência, dentre outras possibilidades - irá passar por um processo

de retenção. Deste modo, segundo os estudos, a repetição é um fator muito importante para a memória (FARIA E MOURÃO, 2015).

A partir do exposto pelos pesquisadores, infere-se que a repetição do mesmo estímulo estabelece a ativação do mesmo circuito de neurônios. Em consequência disso, a ativação contínua robustece esse circuito, facilitando a evocação da informação guardada. Por esse motivo, por exemplo, as pessoas são capazes de percorrer rotas viárias sem a utilização de mapas, a partir de certo tempo fazendo o mesmo percurso, a exemplo de alguém que tem uma rotina de ir de casa ao local de trabalho. Ainda, em seu artigo, os pesquisadores comentam sobre a subdivisão dos processos de armazenamento, denominando-os de subprocessos. Para tanto, estabelecem essa subdivisão em tripartite, a saber, *aquisição*, *consolidação* e *evocação*. Esses subprocessos estariam relacionados a momentos específicos quanto a sua realização.

O *subprocesso de aquisição* tem relação direta com o momento da recepção da informação pelo sistema nervoso, tendo as estruturas sensoriais como verdadeiras vias de condução para esses estímulos, cujo destino será o cérebro. Realizado o estímulo, este se conectará com os órgãos de recepção do sistema, por intermédio dos chamados nervos sensitivos, finalizando o processo com a chegada da informação ao nervoso central (FARIA & MOURÃO, 2015 *apud* KANDEL, 2006). Sendo essa recepção concretizada, segue-se o segundo subprocesso, denominado de *consolidação*, sendo esse caracterizado, fundamentalmente, pelo momento do armazenamento da informação recebida. O subprocesso de consolidação pode ser realizado de duas maneiras totalmente diferentes: por meio de fenômenos eletrofisiológicos ou mediante alterações bioquímicas (FARIA & MOURÃO, 2015 *apud* SQUIRE & KANDEL, 2006).

No modo executado por meio de fenômenos eletrofisiológicos, a brevidade de sua duração é apontada pelos pesquisadores como uma de suas principais características e não provoca alterações bioquímicas nas estruturas neurais. Esses fenômenos eletrofisiológicos são decorrentes de circunstâncias que requeiram a assimilação de uma situação inédita:

Nos fenômenos eletrofisiológicos, ao tentarmos memorizar uma situação nova, determinados conjuntos de neurônios continuam disparando durante alguns segundos, retendo temporariamente a informação somente durante o tempo em que a mesma é necessária, extinguindo-a logo em seguida. Esse tipo de fenômeno tem duração extremamente efêmera e não forma traços bioquímicos. É isso o que ocorre na memória sensorial e na memória de trabalho (ou memória operacional) [...]. (FARIA & MOURÃO, 2015 *apud* SQUIRE & KANDEL, 2006).

Distintamente da realização através dos fenômenos eletrofisiológicos, o segundo modo possível para o subprocesso de consolidação, concretizado por alterações bioquímicas (conhecidos também como traços de memória), provoca alteração nas estruturas neurais. Este

processo de alterações bioquímicas inclui dois tipos de alterações neurais. O primeiro tipo de alteração diz respeito à forma, recebendo o nome de *alteração estrutural* (ou morfológica), uma vez que “[...] compreendem a formação de novas espinhas dendríticas (as quais permitem que um determinado neurônio receba mais aferências de outros neurônios) ou então a formação de novos prolongamentos axonais (os quais permitem que um dado neurônio transmita mais sinais para os neurônios com os quais ele se conecta) [...] (FARIA & MOURÃO, 2015 *apud* PURVES et al., 2010).

Além das mudanças estruturais por meio da formação de novas espinhas dendríticas ou pelo prolongamento dos axônios, há uma terceira maneira de estas ocorrerem, por meio da criação de novos circuitos. O segundo tipo de alteração neural está vinculado à função. Neste caso, existe o surgimento de novos canais iônicos ou a formação de novas proteínas sinalizadoras. A finalidade destas novas proteínas sinalizadoras é o melhoramento da transmissão sináptica (*idem*).

Diferente do senso comum, os avanços no campo da neurociência indicam que as informações não são inseridas e armazenadas em um local específico do cérebro, como se os neurônios fossem compartimentos, gavetas ou caixas. Essa dinâmica de memorização ocorre, segundo as pesquisas, em regiões pulverizadas da massa encefálica. Para que esse dinamismo seja possível, um fator é imprescindível, a saber, a neuroplasticidade. A neuroplasticidade deve ser entendida como a capacidade de que o cérebro é dotado de sofrer transformações perante os estímulos, ou seja, as pressões do ambiente. Para que esse processo descrito de armazenamento, em regiões difusas do cérebro, seja possível, é imprescindível a presença de intrincadas redes de neurônios e que estas se modifiquem a fim de tornar possível o processo de memorização (FARIA & MOURÃO, 2015 *apud* KANDEL, SCHWARTZ, JESSELL, SIEGELBAUM, & HUDSPETH, 2013).

Como terceiro dos subprocessos responsáveis pelo armazenamento das informações, a *evocação* fecha essa tríade. Como afirmam os pesquisadores Mourão e Melo (2011), esse subprocesso seria uma retomada das informações. Este retorno informativo pode ocorrer de duas maneiras - de forma espontânea ou de maneira voluntária. A realização deste processo está vinculada, diretamente, a uma organização temporalmente linear e coerente no tempo dos traços de memória. Essa sequência dotada de linearidade e coerência é chamada de *integração temporal* e ocorre no córtex pré-frontal, mediante um processo conhecido como *memória de trabalho*. O córtex pré-frontal constitui uma porção do cérebro responsável pela tomada de decisões, pela regulação de comportamentos sociais, pelo planejamento de atitudes e pensamentos que exijam maior grau de complexidade e pela expressão de traços de

personalidade, segundo Yang e Raine (2009).

Alguns autores afirmam que existem duas modalidades da evocação, que estes denominam *reconhecimento* e *recordação*. O tipo de estímulo seria o elemento diferenciador para a ocorrência desta ou daquela modalidade. A familiaridade (ligada ao reconhecimento) ou a ausência de familiaridade (no caso da recordação) na percepção seriam os fatores geradores distintivos do tipo de estímulo:

[...] no reconhecimento, estamos diante de um estímulo previamente conhecido e armazenado, o que implica em certo sentimento de familiaridade. É o que acontece quando nos encontramos com pessoas que conhecemos, por exemplo. O contato com um estímulo anteriormente armazenado traz a sensação de reconhecimento. Por outro lado, na recordação, não há nada de familiar momentaneamente presente em nossa percepção consciente. Nesse caso, não estamos diante do estímulo previamente conhecido (o qual será recuperado). É como se recuperássemos voluntariamente uma informação armazenada. [...] (FARIA E MOURÃO, 2015).

Os autores fazem uma exemplificação deste processo, em termos práticos, quando se faz necessário buscar uma fórmula de física durante uma avaliação. Ao mesmo tempo, afirmam que os processos de reconhecimento e recordação, muitas vezes, se correlacionam: “Quando estamos diante de uma pessoa conhecida, por exemplo, nós a reconhecemos e, logo em seguida, começamos a recordar espontaneamente uma série de informações referentes a ela, como seu nome, o local onde a conhecemos, as conversas que tivemos, se é ou não uma pessoa interessante etc.” (FARIA E MOURÃO, 2015).

Por fim, ainda, os autores salientam o fato de que “[...] os processos de armazenamento e evocação estão intimamente relacionados e são interdependentes, pois o modo de organizar a informação, quando ela é armazenada, influenciará fortemente na facilidade ou dificuldade de recuperar essa informação posteriormente [...]” (*idem*). Também acrescentam que a divisão do fenômeno mnemônico em subprocessos se restringe ao campo teórico e que, na realidade, acontecem de maneira interdependente e não linear.

3.3 TIPOS DE MEMÓRIA

A palavra memória, por ser um termo interdisciplinar, é muito usada em diversas áreas do conhecimento de acordo com a intenção discursiva. Ela é tomada, neste texto, com a intenção de o pesquisador desenvolver estudos relativos à produção textual, no gênero Memória, a partir das vivências de seus educandos em sua localidade, lhes oportunizando a condição de narrarem suas experiências a partir de suas mais tenras lembranças advindas da convivência com as pessoas mais antigas de sua comunidade, sejam estas do ciclo familiar ou não.

Com o intuito de guardar relações com o *locus* da pesquisa, faz-se necessário que os

tipos de memória sejam apresentados e compreendidos. Dito isto, são tomados como base teórica os debates provocados por Bosi (1979, 1994, 2003), Halbwachs (2004) e Pollak (1989).

3.3.1 Bergson: Memória-Hábito e Memórias Singulares

Segundo Bergson (1959), filósofo e diplomata francês, ganhador do Nobel de Literatura de 1927, autor de obras de grande relevância e estudadas em distintas áreas, a exemplo do cinema, literatura, neuropsicologia e bioética, a atuação da memória, no tempo presente, se daria por duas modalidades. Uma primeira espécie, a *memória-hábito*, estaria associada aos mecanismos motores, uma vez que “[...] o corpo guarda esquemas de comportamento de que se vale muitas vezes automaticamente na sua ação sobre as coisas [...]”. (BOSI, 1979, p. 11). A vida em sociedade impõe aos indivíduos uma série de exigências. Desta forma, a memória-hábito se origina das demandas práticas do cotidiano, a partir de processos de esforço da atenção e pela repetição de determinadas ações, bem como de uma série de gestos e palavras, até se transformar em um costume. Percebe-se, neste particular, uma forte ligação ao processo cultural, apesar de Bergson não abordar a questão social. Hábitos como dirigir, digitar em um teclado enquanto se escreve um texto e pedalar na bicicleta são decorrentes de um processo de repetição e estes hábitos dependem de movimentos específicos, internalizados pelas pessoas através da existência da memória-hábito.

O outro tipo de memória consiste nas *lembranças ímpares*, sem relação alguma com funções motoras. Distintamente da mecanicidade da memória-hábito, as lembranças singulares se processariam como evocações de momentos ímpares do passado, jamais repetidos. Essas lembranças seriam, essencialmente, singulares. Em uma simples comparação, muito dificilmente alguém se lembraria do que almoçou em uma determinada data, mas certamente se lembraria do que jantou se neste jantar houvesse um fato ímpar, a exemplo de um pedido de casamento. Esse pedido, por sua singularidade, comporia a *imagem-lembrança* que, por sua vez, “[...] traz à tona da consciência um momento único, singular, não repetido, irreversível da vida. Daí, também, o caráter não mecânico, mas evocativo, do seu aparecimento por via da memória” (BOSI, 1979, p. 11).

Durante a saída a campo, alguns acontecimentos acabaram se constituindo como memórias singulares. O olhar meio desconfiado, em princípio, de alguns pescadores ao perceberem minha aproximação se enquadra como *imagem-lembrança*, visto que foi algo que me deixou bastante impressionado. Da mesma forma, o sorriso e a risada de algumas daquelas pessoas também se tornaram *imagem-lembrança*, visto que sempre me vem à mente ao recordar

aquele momento. Da mesma forma, a recepção à unidade escolar, bastante atenciosa e cordial dos funcionários, de algumas professoras presentes e da direção também são momentos bastante distintos de outros meramente ordinários.

A cada novo momento de contato com os ribeirinhos, uma nova *imagem-lembrança* era semeada. A beleza na peculiaridade de cada ser com quem conversei foi cativante. O brilho em cada olhar ao narrar, de forma nostálgica, os eventos de sua juventude parecia expressar um status épico. Cada expressão facial das pessoas com as quais conversei parecia um painel de pele, músculos, pelos e dentes. As rugas, tão presentes, testemunhas de uma existência plena, cujo cenário se repartia entre o azul do céu, o verde dos coqueiros e o branco ofuscante da areia ao refletir o sol. As eternas ondas, com seu cantar das sereias, mansamente ao tocarem a costa, não poderia deixar de ser a trilha sonora a povoar o imaginário do povo que lá teve suas vivências.

A partir do entendimento acerca das lembranças singulares, como a evocação de fatos e momentos bem específicos, seria possível afirmar que estas lembranças trazem consigo uma direta relação tempo-espacial. Desta forma, os acontecimentos singulares estariam vinculados a um momento e ambiente bastante delimitado e individualizado, bem como a circunstância espacial na qual estes foram vivenciados, a exemplo de um acontecimento traumático, o primeiro encontro em um namoro ou nascimento do primeiro filho. Por sua vez, a chamada memória-hábito não estaria associada a esses condicionantes tempo-espaciais.

A *memória-hábito* terá importância na elaboração dos textos narrativos deste projeto, visto que alguns fatos rotineiros da coletividade de Cacha-Pregos têm sua importância quanto à dinâmica social daquele lugar. Contudo, as *lembranças ímpares*, no exercício da produção de textos memorialísticos, mostram-se como matéria prima, verdadeiro manancial criativo para os jovens educandos, a partir de suas vivências individuais, em comunhão com as experiências dos indivíduos de sua coletividade, sejam também jovens ou pessoas mais experientes. Os fatos fora do trivial tendem a ser, naturalmente, os de maior relevância, pois também são os mais marcantes. Alguns desses momentos sem dúvidas, povoam a memória dos educandos e educandas: os primeiros momentos de saída da comunidade, tão isolada geograficamente, para outras localidades; as suas primeiras vivências nas festividades locais; o primeiro contato com o meio escolar. Da mesma forma, para os idosos da comunidade, alguns fatos são inesquecíveis, a exemplo da chegada da energia elétrica, da água encanada, do asfalto e calçamento de pedra, da morte de pessoas influentes na comunidade e de outros eventos de relevância.

3.3.2 Memória e os contextos sociais, em Halbwachs

Contemporâneo de Bergson, o filósofo e sociólogo francês Maurice Halbwachs (2004) foi o pioneiro a inserir a memória no espectro de estudo das ciências sociais. Nascido em 1877, em Reims, cidade na região nordeste da França, foi muito influenciado por Émile Durkheim, considerado como um dos principais responsáveis pelo surgimento da sociologia.

Halbwachs é um dos precursores em associar os contextos sociais aos processos de surgimento da memória, vindo a criar o conceito de *Memória Coletiva*. Portanto, a partir desta proposição de Halbwachs, a memória deixa de possuir uma dimensão exclusivamente individual, passando a ser considerada uma realização na coletividade. Essa inovação na abordagem acerca da memória provocou importantes repercussões em áreas, como a própria sociologia, a história e a psicologia. As lembranças, segundo a ótica de Halbwachs (2004), decorrem da interação entre os indivíduos, em seus diferentes grupos sociais, sendo que, individualmente, as memórias comporiam perspectivas acerca da memória do grupo:

A rememoração pessoal situa-se na encruzilhada das malhas de solidariedades múltiplas dentro das quais estamos engajados, nada escapa à trama sincrônica da existência social atual, e é da combinação destes diversos elementos que pode emergir esta forma que chamamos de lembrança, porque a traduzimos em uma linguagem. [...] Somos arrastados em múltiplas direções, como se a lembrança fosse um ponto de referência que nos permitisse situar em meio à variação contínua dos quadros sociais e da experiência coletiva histórica. (HALBWACHS, 2004, p. 14).

As lembranças, assim, seriam resultado da atividade humana na coletividade e esse pertencimento a grupos sociais de natureza indissociável, pois esses mesmos indivíduos estão inseridos em grupos sociais, a exemplo de entidades religiosas, partidos políticos, instituições educacionais e núcleos familiares. Por essa inserção do sujeito no tecido social, Halbwachs comenta que “[...] lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isso acontece porque jamais estamos sós.” (HALBWACHS, 2013, p. 30).

Halbwachs manifesta que, para “confirmar ou recordar uma lembrança, não são necessários testemunhos no sentido literal da palavra, ou seja, indivíduos presentes sob uma forma material e sensível” (HALBWACHS, 2013, p. 31). Desta forma, mesmo que determinada pessoa tenha a sensação de ter vivenciado um evento inteiramente de forma isolada de um dos grupos sociais nos quais esteja inserido, suas lembranças continuam a ser uma construção coletiva.

3.3.3 Distinções entre os conceitos de Bergson e Halbwachs

Em uma análise comparativa, a partir da leitura de Bosi (1979), é possível afirmar que a dinâmica da memória, elaborada e defendida entre Bergson (1959) e Halbwachs (1950), se mostram distintas. Bergson (1959) considera que a lembrança evoca o passado em sua inteireza e tem um caráter preservador deste, ao passo que desconsidera as influências dos grupos sociais sobre a constituição da memória:

[...] Em Bergson, o método introspectivo conduz a uma reflexão sobre a memória em si mesma, como subjetividade livre e conservação espiritual do passado, sem que lhe parecesse pertinente fazer intervir quadros condicionantes de teor social ou cultural. A memória é, para o filósofo da intuição, uma força espiritual prévia a que se opõe a substância material, seu limite e obstáculo. (BERGSON, 1950 *apud* BOSI, 1979, p. 16).

A memória, para Bergson, seria evocada do passado, como se estivesse guardada em compartimentos e transplantadas para o presente, em sua integralidade, tal como acontecera. Por seu turno, Halbwachs (1950) defende que a memória tem por gatilho a convivência em grupos e com os outros indivíduos, ou seja, decorre de um fator externo, estimulante ao sujeito, intrinsecamente vinculado aos processos do cotidiano do sujeito-histórico. Desta forma, Bosi (1979), comentando sobre o assunto, a partir da premissa de Halbwachs, insta que uma lembrança desvinculada da experiência na coletividade ocorre quase sempre de maneira excepcional. Quase sempre, as memórias não são um reviver, mas um construir, tendo como matérias-primas as ideias e as imagens do agora.

3.3.4 Pollak: Memória, Esquecimento, Silêncio

O sociólogo Michael Pollak, em 1989, publica *Memória, Esquecimento, Silêncio*. Neste trabalho, Pollak se propõe a discutir e ressignificar concepções de seus predecessores, Émile Durkheim e Maurice Halbwachs, quanto a algumas questões relativas à memória coletiva. Pollak (1989), ao tratar da memória, propõe uma ressignificação ao conceito de *fato social*, desenvolvido por Durkheim. Nessa proposição, Pollak enfatiza, sob o prisma socioconstrutivista, a importância dos processos e dos atores sociais envolvidos na formação das memórias coletivas. Explana, ainda, que “[...] não se trata mais de lidar com os fatos sociais como coisas, mas de analisar como os fatos sociais se tornam coisas, como e por quem eles são solidificados e dotados de duração e estabilidade” (POLLAK, 1989, p. 12).

Neste contexto, a memória, na modalidade oral, teria muita relevância como instrumento ao exercício do discurso e empoderamento dos grupos excluídos do discurso estatal

dominante e, por muitas vezes, opressor. Essas vozes, distanciadas e sufocadas pela força do discurso oficial estatal - a chamada *memória nacional* -, são chamadas pelo autor de *memórias subterrâneas*, sendo típicas de culturas minoritárias e dominadas.

Em sua abordagem, Pollak tece uma crítica à abordagem de Halbwachs. Segundo ele, este, no decorrer de seu trabalho, não menciona o processo uniformizador do discurso dominante, materializado através da memória coletiva nacional, em detrimento dos discursos advindos dos atores sociais sem o acesso ao poder estatal. Alude ao fato de que Halbwachs não considera a imposição do discurso dominante como uma violência simbólica, tampouco como um artifício de dominação coletiva do poder estatal, mas contrariamente, “[...] acentua as funções positivas desempenhadas pela memória comum, a saber, de reforçar a coesão social, não pela coerção, mas pela adesão afetiva ao grupo, donde o termo que utiliza, de "comunidade afetiva" (POLLAK, 1989, p. 03). Pollak enaltece o papel das memórias subterrâneas como um recurso das culturas excluídas, minoritárias e dominadas e sua relação estreita com a história oral, em oposição à memória nacional, institucionalizada, outrora exaltada no discurso de Halbwachs (1950):

Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à "memória oficial", no caso a memória nacional. Num primeiro momento, essa abordagem faz da empatia com os grupos dominados estudados uma regra metodológica e reabilita a periferia e a marginalidade. Ao contrário de Maurice Halbwachs, ela acentua o caráter destruidor, uniformizador e opressor da memória coletiva nacional. (POLLAK, 1989, p. 04).

Esse movimento exercido, em silêncio, pelas memórias subterrâneas possui, como observa Pollak (1989), um comportamento de insubordinação ao poder estatal estabelecido e estaria suscetível a vir à tona em momentos conflituosos. Nesse movimento, as vozes dos que questionam o poder dominante, de uma forma ou de outra, saem das sombras e se fazem presentes, tendo nas tensões das convulsões sociais um cenário bastante propício.

Em prosseguimento à sua abordagem, Pollak (1989) menciona a mudança de foco de estudo adotada por parte significativa dos pesquisadores, à época da escrita de seu texto, optando estes em desprezar os fatores de continuidade e estabilidade, preferindo revisitar os conflitos e disputas. Para exemplificar essa mudança temática, o autor elenca três exemplos históricos marcantes. Os dois primeiros destes exemplos ocorreram em dois momentos distintos, ambos na extinta União Soviética.

Inicialmente, Pollak (1989) cita o processo de desconstrução da imagem de Stalin como “pai dos pobres”, proposta por Nikita Krushev, político soviético que comandou a União Soviética durante parte significativa do período da Guerra Fria, ocupando o cargo de Secretário-

Geral do Partido Comunista da União Soviética. Após o XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética, Nikita Krushev denunciou pela primeira vez os crimes stalinistas. A imagem construída pelo poder estatal dominante, a partir de então, começou a ser questionada, em seus símbolos e signos, de forma progressiva. O imaginário de Stalin, positivamente construído a partir do discurso estatal, passou a ser colocado em cheque e, de certa forma, ressignificado, lançando um novo olhar sobre a visão até então presente, culminando com a retirada dos restos mortais de Stalin do Mausoléu da Praça Vermelha, em Moscou.

Seguindo a abordagem a esse primeiro episódio da história daquela união de países, o autor menciona as tensões advindas do processo, comentado, porém, o esfriamento das vozes que emergiram do silêncio até então presente, inviabilizando, àquela altura, a revisão da história oficialmente imposta pelo poder estatal. Em certa medida, a imagem histórica, quase mítica de Stalin, enquanto “pai dos pobres”, foi manchada. Contudo, o fim da atuação de Nikita Krushev e como passar do tempo arrefeceram o processo de desestalinização, inibindo as tentativas de revisão da memória coletiva (POLLAK, 1989, p. 04).

Passadas três décadas, uma nova revisão contestatória à memória oficial, durante o governo de Mikhail Gorbachev, no contexto da Glasnost (abertura política) e da Perestroika (proposição de mudanças na economia e na sociedade) se iniciou, tendo como propulsores intelectuais da época. Essa proposta de revisão frente à memória coletiva e estatizada gerou consequências perturbadoras, uma vez que “Esse sopro de liberdade de crítica despertou traumatismos profundamente ancorados que ganharam forma num movimento popular que se organiza em torno do projeto de construção de um monumento à memória das vítimas do stalinismo” (POLLAK, 1989, p. 05).

Por fim, num terceiro momento revisitado por Pollak, relata-se o recrutamento forçado dos alsacianos, habitantes da Alsácia, região anexada à Alemanha nazista, durante a Segunda Guerra Mundial, realizado pelo exército alemão, em agosto de 1942, após uma política de recrutamento voluntário fracassado. Aproximadamente, 130 mil alsacianos - e também alguns lorenos - foram incorporados às fileiras alemãs. Deserções, desobediências, revoltas e atos de resistência ocorreram de forma recorrente. Esse batalhar de forma coercitiva, segundo Pollak, gerou uma grande possibilidade de causar um mal entendido, acarretando em um processo de silêncio e de ressentimento. Sobre essa situação angustiante e o desfecho da experiência daquelas pessoas compulsoriamente recrutadas, assim descreve Pollak:

Feitos prisioneiros no *front* de guerra oriental, pelo Exército Vermelho, muitos deles morreram ou regressaram apenas em meados de 1950. Trata-se, por definição, de uma experiência dificilmente dizível no contexto do mito de uma nação de resistentes, tão rico de sentido nas primeiras décadas do pós-guerra. (POLLAK, 1989, p. 07).

Pollak, nesta obra, propõe ponderações acerca da maneira como a história é escrita e a quais interesses ela se propõe a atender - a memória oficial, de caráter estatal e dominante ou a memória dos excluídos, subterrânea e não-oficial. Desta forma, trabalhar memórias, segundo Pollak, é um ato intrinsecamente ligado à organização social da existência. Lembranças traumáticas, frequentemente, geram nas pessoas sentimentos e vontades ambíguas, tanto de contribuir com seus testemunhos, quanto de esquecer este mesmo passado.

No caso particular da localidade de Cacha-Pregos, o quanto aquelas vozes teriam a contar sobre suas vivências? Até que ponto as narrativas daquela gente, enquanto memórias subterrâneas, poderiam se estabelecer como um instrumento de empoderamento para aquela coletividade, tão distante dos grandes centros urbanos, é algo a se ponderar. Em um exercício um pouco mais apurado, seria possível considerar até que ponto as memórias narradas poderiam constituir um painel representativo do modo de ser e estar daquele grupo. Determinadas narrativas estabeleceriam interseções, momentos importantes vivenciados, entre duas ou mais pessoas, revelados em mais de uma fala. Memórias compartilhadas e, como verdadeiras tatuagens, cravadas no imaginário de uma gente que na areia alva seus pés esquentam.

4 O MAR SERENOU: MEMÓRIA E EDUCAÇÃO

Os sonhos são projetos pelos quais se luta. Sua realização não se verifica facilmente, sem obstáculos. Implica, pelo contrário, avanços, recuos, marchas às vezes demoradas. Implica luta.

(Paulo Freire).

O advento da escrita, sem dúvidas, foi um acontecimento revolucionário na história das civilizações, como afirma Benveniste: “Pode-se dizer que esse ato transformou todo o perfil das civilizações, que foi o instrumento da revolução mais profunda por que passou a humanidade depois do fogo” (BENVENISTE, 2014, p. 167). O surgimento da escrita possibilitou um importante apoio à memória. Foi possível transpor as barreiras temporais e conservar informações sobre o passado da humanidade, costumes e saberes antigos. A quase perenidade dos registros, bem como a possibilidade do acesso a estes, alavancou o progresso da humanidade em diversos segmentos, no campo das ciências, das artes e das tecnologias. Higounet (2003) comenta que é tamanha a importância da escrita para a humanidade que a história poderia ser dividida a partir do advento desta.

Durante décadas, no sistema de ensino, adotaram-se métodos de ensino centrados na memorização através da repetição, nas unidades escolares, ao invés da proposição de atividades que pudessem fomentar nos educandos o desenvolvimento de habilidades comunicativas e a capacidade de dominar diversificadas linguagens. Nesse período, não havia ainda grandes reflexões quanto à eficiência dos métodos. Por gerações, jovens passaram parte significativa da infância memorizando fórmulas e conceitos. No caso da matemática, por exemplo, as tabuadas, durante muito tempo, foram amplamente utilizadas como praticamente um adestramento dos educandos para um suposto aprendizado das chamadas operações básicas. Esse processo, em verdade, não propiciava aos educandos o desenvolvimento de um raciocínio lógico, consistindo em uma repetição de memorização por memorização *ad nauseam*.

No caso do ensino de língua portuguesa, muitos que hoje são educadores tiveram sua formação também baseada nesse mecanismo repetitivo. Grande parte destes educadores foi condicionado a memorizar e repetir por diversas vezes atividades que consistiam na conjugação de verbos em todas as pessoas, modos e tempos verbais. Tabelas enfadonhas e extensas de preposições e conjunções frequentemente faziam parte desse repertório oferecido aos

educandos até algumas décadas atrás.

A Era da Cultura Digital estabeleceu novos paradigmas aos processos de vida em sociedade. As inovações no trato com as novas tecnologias a todo o momento se fazem presentes. Os meios de comunicação não são mais os mesmos, assim como os meios de locomoção no espaço urbano (a exemplo dos aplicativos de transporte) e de acesso a bens de consumo (*e-commerce* e entrega de comida *delivery*) são alguns exemplos disso. O agronegócio, em nenhum outro momento, esteve tão gerenciado e operacionalizado por meios digitais.

A dinâmica educativa, como segmento da vida social, também mudou, mas ainda se percebe certa relutância, por parte de boa parte dos estudantes, em produzir textos na modalidade escrita, quer sejam estes estudantes pertencentes à rede privada ou à pública; seja na Educação Básica ou na Superior, apesar de eles, de forma paradoxal, nunca terem escrito tanto como agora, em especial, por meio de aplicativos de mensagens. Nesse contexto, é de fundamental importância os educadores estimularem em seus educandos o interesse pela autoria na produção textual escrita, pois “Vivemos na civilização do livro, do livro lido, do livro escrito, da escrita e da leitura”. Nosso pensamento está, em qualquer nível, constantemente informado pela escrita” (BENVENISTE, 2014, p. 127).

Como cidadãos contemporâneos a um modelo de sociedade de consumo, o apreço à memória não é ostensivamente estimulado, pois não se coaduna com as práticas mercadológicas de produção e circulação de bens e serviços. A ponderação de João Araújo Barbosa, em seu prefácio ao livro de Ecléa Bosi, *Memória e Sociedade: lembranças de Velhos*, tem bastante pertinência com esse pensamento:

Destruindo os suportes materiais da memória, a sociedade capitalista bloqueou os caminhos da lembrança, arrancou seus marcos e apagou seus rastros. “A memória das sociedades antigas se apoiava na estabilidade espacial e na confiança em que os seres de nossa convivência não se perderiam, não se afastariam. Constituíam-se valores ligados à práxis coletiva como a vizinhança (versus mobilidade), a família larga, extensa (versus ilhamento da família restrita), apego a certas coisas, a certos objetos biográficos (versus objeto de consumo)”. (BARBOSA, 1979 apud BOSI, 1979, p.5).

Jacques Le Goff (1996), historiador francês, dedicado à antropologia histórica, aponta que, ao se estudar a memória, exige-se uma correlação com diversos campos da ciência, a exemplo da Neurofisiologia, Psiquiatria, Biologia e Psicologia. Em suas explanações, Le Goff expõe a existência do binômio Memória Histórica e Memória Social. Le Goff também, em seu livro *História e Memória*, no início do capítulo Memória, é assertivo quanto à importância da memória e das técnicas de estímulo dela, as chamadas mnemotécnicas: “A noção de aprendizagem, importante na fase de aquisição da memória, desperta o interesse pelos diversos

sistemas de educação da memória que existiram nas várias sociedades e em diferentes épocas: as mnemotécnicas” (LE GOFF, 1996, p. 423).

Ao tratar da Memória Histórica, Le Goff comenta acerca das sociedades que possuem distintos tipos de predominância quanto à realização das memórias. Em alguns modelos sociais, percebe-se o predomínio do uso da modalidade de memória oral e, de outro lado, sociedades que priorizam a modalidade escrita visto que, “[...] da memória histórica é necessário dar uma importância especial às diferenças entre sociedades de memória essencialmente oral e sociedades de memória essencialmente escrita como também às fases de transição da oralidade à escrita [...]” (LE GOFF, 1996, p. 426).

O poder exercido pelo discurso pautado na memória pode ser terrivelmente danoso a uma determinada sociedade, quando intencionalmente construído com objetivos manipuladores e/ou alienantes. Da mesma forma que a memória se apresenta como uma ferramenta na construção da identidade individual e coletiva no tecido social, também pode exercer o papel de instrumento de poder sobre as massas. Le Goff (1990) salienta que aqueles que se dedicam aos estudos da memória social têm a incumbência de contribuir para a emancipação dos indivíduos, através da democratização da memória, pois, do contrário, o papel destes profissionais estaria auxiliando no processo de escravização das consciências.

A partir do discurso, a memória é capaz de construir falsos heróis, como também destruir reputações de maneira perversa. Pode desenhar um passado de forma gloriosa ou deprimente, a partir de um jogo seletivo de interesses políticos, religiosos e econômicos. Nessa seleção do que deve ou não ser incluído ou escamoteado, o fio norteador será um misto de interesses, A narrativa, então, estará sempre suscetível a um filtro.

4.1 A MEMÓRIA NA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) enfatiza que, no Eixo da Produção de Textos, devem estar inseridas as práticas de linguagem relacionadas à interação e a autoria seja em caráter individual ou coletivo. Da mesma forma, alude à importância e à multiplicidade das modalidades das práticas de linguagens de caráter autoral do texto escrito, do texto oral e do texto semiótico, a fim de atender as distintas finalidades; para tanto, lista uma série de modalidades possíveis, que vão desde a produção de um almanaque para retratar a realidade de certa localidade, à escrita de um texto lírico ou de uma crônica, um artigo de opinião, uma foto denúncia e um *vlog* (BRASIL, 2021). Dentre os gêneros de produção escrita, Memória foi o escolhido para o desenvolvimento deste projeto, visto que o fortalecimento dos vínculos

socioafetivos e de caráter identitário são metas a serem atingidas nesse processo, pois a memória não se restringe a uma experiência individual, sendo, sobretudo, uma construção no seio de uma determinada coletividade, em um determinado tempo e em um determinado espaço geográfico (POLLAK, 1992).

Em suas vivências, os variados grupos sociais realizam seus fazeres de forma coletiva. A construção de memórias não se exime deste processo. Dessa forma, essa dinâmica colaborativa reafirma e robustece a identidade e a noção de pertencimento a cada um desses grupos. O registro de memórias presentes em cordéis, nas cantigas das lavadeiras de roupas nas comunidades ribeirinhas, a memória dos grandes feitos produzidos nos ritos de diversas comunidades indígenas, os *orikis* entoados aos orixás nos templos de religiões de matriz africana, as letras de rap que retratam memórias das comunidades periféricas das grandes cidades são demonstrações da diversidade. Nesse exercício, ao mesmo tempo individual e coletivo, “As memórias podem ser individuais ou coletivas e podem ter significações variadas, inserindo-se em uma lógica de produção de patrimônios (materiais ou imateriais) que dizem respeito a grupos ou povos específicos” (BRASIL, 2021, p. 404).

A BNCC enfatiza a importância das relações interpessoais para a construção de sua identidade, num consequente processo de alteridade. Nesse processo de interação com o outro, o documento exorta a valorização das memórias e das marcas do passado, em especial, no processo de alfabetização, o que culminaria na ampliação da compreensão do mundo. Conhecer melhor sua história e as histórias dos seus próximos seria um fomento à percepção do indivíduo de seu lugar no mundo e do seu papel enquanto ser histórico (BRASIL, 2021, p. 362).

O valioso papel das vivências decorrentes do convívio familiar, das experiências socioculturais, do senso de pertencimento ao grupo, da interação com as múltiplas tecnologias de informação e das memórias são descritos na BNCC como “[...] fontes que estimulam sua curiosidade e a formulação de perguntas. [...]” (BRASIL, 2021, p. 58). O entendimento de si mesmos, do mundo natural, do universo social, das relações das pessoas entre si e com a natureza são potencializados em decorrência do estímulo ao pensamento pautado na criatividade, na criticidade e na logicidade. Incitar o educando a fazer indagações, a analisar respostas, a argumentar, a utilizar variados recursos tecnológicos de comunicação e de informação e a se relacionar com matizadas produções culturais são estratégias para alcançar esse objetivo. As histórias de vida individuais, por conta das interações entre os indivíduos, acabam por construir pontos de interseção com outras histórias individuais, formando uma rede de histórias, em um espectro coletivo. Deste modo, ao escrever textos memorialísticos, os sujeitos acabam impregnando marcas de sua coletividade, de sua gente, de seu povo.

5 UM BARCO À BEIRA MAR: TIPOS E GÊNEROS TEXTUAIS

Não há nada como regressar a um lugar
que está igual para descobrir o quanto
a gente mudou.

(Nelson Mandela).

Durante muitas décadas, nas escolas de Ensino Fundamental e Médio, o ensino de Língua Portuguesa teve como característica o destaque ao ensino de teoria gramatical ou de teoria linguística. A maioria dos livros didáticos focavam suas atenções em textos literários em verso e prosa, a exemplo de fragmentos de poemas, romances e contos. Desta forma, o texto, na forma de atividades de produção textual e compreensão, ficavam em segundo plano. A partir da década de 70 do século XX, algumas contribuições da linguística passaram a exercer influência sobre as propostas de ensino de língua materna, descentralizando o foco antes realizado na gramática tradicional. A partir de então, a língua passou a ser compreendida como um código de comunicação. Com esse novo olhar, textos antes desconsiderados passaram a surgir em alguns livros didáticos, a exemplo de charges, histórias em quadrinhos, peças publicitárias e reportagens de jornal (TRAVAGLIA, 2004).

Segundo Marcuschi, os gêneros textuais são “entidades socio-discursivas e formas de ação social incontornáveis de qualquer situação comunicativa” (2008, p. 19). Deste modo, os gêneros textuais atendem às necessidades de expressão dos sujeitos, sendo estes, inevitavelmente, influenciados pelo momento social e histórico que os circunda.

Uma grande contribuição da Teoria do Discurso e da Linguística Textual foi proporcionar discussões que levaram a um novo paradigma comunicativo: cada texto tem uma função específica na interação em determinada área de atuação sociocomunicativa. A Teoria do Discurso, especificamente, foi fundamental para as inovações quanto à análise do discurso. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) foram influenciados pelas discussões propostas pela Teoria do Discurso e pela Linguística Textual. Naquele momento, entendeu-se que o ensino da língua teria que ser organizado com base nos gêneros - categorias distintas de texto - e em torno destes (*idem*).

Na década de 1990, o surgimento dos PCNs desencadeou uma nova demanda: como trabalhar essas novas categorias textuais? Com essa necessidade, maneiras de atender aos parâmetros propostos começaram a ser pensadas. Como efeito a esse momento, os livros didáticos, por modismos ou por razões legais,

[...] tem procurado diversificar um pouco mais os chamados gêneros com que trabalham e fazer um trabalho de formação de usuários competentes da língua

tomando os textos de diferentes categorias como norteadores da ação de ensino/aprendizagem, como pedem os PCNs.” (TRAVAGLIA, 2004)

Para a conceituação de gêneros, segundo Travaglia, os PCNs recorreram ao conceito estabelecido por Bakhtin (1992). Assim, os PCNs definem os gêneros como “[...] parte das condições de produção de discursos, as quais geram usos sociais que os determinam. Os gêneros são, portanto, determinados historicamente, constituindo formas relativamente estáveis de enunciados, disponíveis na cultura [...]” (BRASIL, 1998, p.21-22).

Os gêneros textuais são marcados por três constituintes. O primeiro diz respeito ao conteúdo temático, ou seja, o que é ou se pode ser dizível por meio do gênero. O segundo elemento é a sua construção composicional - a estrutura específica dos textos que integram um determinado gênero. O terceiro componente se refere ao estilo, isto é, as configurações próprias das unidades de linguagem da enunciação comunicativa do locutor e dos conjuntos próprios de sequências que compõem o texto. Desta forma:

A noção de gênero refere-se, assim, a famílias de textos que compartilham características comuns, embora heterogêneas, como visão geral da ação a qual o texto se articula, tipo de suporte comunicativo, extensão, grau de literariedade, por exemplo, existindo em número quase ilimitado. (BRASIL, 1998, p. 21-22).

Ao se referir à classificação da tipologia textual adotada por uma determinada sociedade, Travaglia faz uso do termo “elemento tipológico”. Em suma, deve-se compreender por elemento tipológico aquele que “[...] identifica uma classe de textos que têm uma dada caracterização, isto é, um conjunto de características comuns em termos de forma, estrutura, conteúdo, estilo, funções, etc., mas distintas das características de outros elementos tipológicos, o que permite diferenciá-los” (TRAVAGLIA, 2004, p. 122).

No caso específico do Brasil, os mais usuais elementos tipológicos são: injunção, narração, descrição, o épico, o lírico, o dramático, romance, novela, parábola, caso, mito, lenda, comédia, piada, tese, ofício, atestado e o artigo, dentre outros. Importante ressaltar que vários elementos tipológicos podem possuir alguns traços em comum. Um exemplo disto são os elementos tipológicos narrativos, como o romance, a novela, a fábula e a notícia. Apesar de estes elementos tipológicos de caráter narrativo serem distintos em suas formas de realização, todos possuem características da narração, porém, ao mesmo tempo, possuem traços diferenciadores (*idem*).

A fim de nomear categorias de elementos tipológicos, Travaglia faz uso do termo “tipelemento”. O objetivo dessa separação em classes é, basicamente, identificar categorias de elementos tipológicos de diferentes naturezas, “[...] para não alinhar, num mesmo plano,

elementos de naturezas diferentes e distintas [...]” (TRAVAGLIA, 2004). O autor aponta a existência de três tipelementos. O primeiro dos três é denominado *tipo*. Ele se caracteriza por proporcionar uma maneira de interação entre os interlocutores, a partir de diversificadas perspectivas. A variação destas perspectivas pode estabelecer critérios que propiciarão o surgimento das diferentes tipologias. Texto descritivo, narrativo, injuntivo, texto argumentativo, texto lírico, épico, dramático e dissertativo são exemplos de tipos.

O segundo tipelemento citado pelo autor é o *gênero*. Sua principal característica é a capacidade de exercer uma função social particular de caráter comunicativo. Há uma gama imensa de exemplos de tipos, a exemplo do romance, novela, conto, fábula, mito, lenda, caso, piada, biografia, notícia, mandado, procuração, atestado, artigo, tese, resenha, auto, edital, prece e contrato, dentre outros.

O último dos tipelementos é a *espécie*, tendo na presença dos elementos formais de sua estrutura sua principal característica. As espécies, segundo o autor, podem ser, por exemplo, i. texto em prosa e texto em verso; ii. história e não-história; iii. históricos, psicológicos, regionalistas, fantásticos, policiais e eróticos, dentre outros, quando se tratar de contos ou romances; iv. telegrama, carta, ofício e bilhete, quando as espécies forem do gênero correspondência; v. elegia, écloga, idílio, soneto e haicai, dentre outros, quando a espécie for do tipo lírico (*idem*).

5.1 TIPO NARRAÇÃO

A narrativa é um tipo textual que tem por objetivo básico contar, expor acontecimentos, apresentar os fatos. A Narrativa “[...] configura um modo de interação comunicativa dada pela perspectiva do enunciador que, em relação ao objeto do dizer, se coloca na perspectiva do fazer/acontecer inserido no tempo” (TRAVAGLIA, 2004, p. 124). Na relação com a narrativa, o interlocutor se caracteriza como um espectador, não participando das ações, vindo a conhecer o que ocorreu nos episódios. No aspecto temporal, a narrativa apresenta o fator tempo em duas maneiras. A primeira maneira é chamada *tempo referencial*, ou seja, o tempo dos acontecimentos em uma sucessão cronológica dos fatos. Isto está intimamente ligado ao fato de, na narrativa, não haver simultaneidade nas ações, o que cria a necessidade de sequenciamento dos fatos. A segunda maneira de a narrativa inserir o tempo se dá através do chamado *tempo da enunciação*. Neste caso, não há a obrigatoriedade de haver coincidência entre o momento da produção e o momento da recepção do texto, ou seja, entre o tempo da enunciação e o referencial. Desta maneira, o tempo da enunciação poderá ser posterior,

simultâneo ou anterior. Sendo posterior, o tempo da enunciação será presente nas narrações passadas. Quando simultâneo, irá compor as narrações presentes. Nas raras ocasiões em que o tempo da enunciação for anterior, este estará sendo utilizado nas narrações futuras (TRAVAGLIA, 2004).

Quanto ao encadeamento dos episódios, o tipo narrativo possui duas espécies. Quando os episódios possuem conexão entre si, rumo a um desfecho, a espécie é denominada *história*. Alguns exemplos de gêneros que estabelecem ligação com a espécie *história* são o romance, o conto, o caso, a fábula, o mito, a notícia, a biografia e a piada, dentre outros. Por sua vez, contrastando com a multiplicidade de gêneros ligados a espécie *história*, poucos são os gêneros que estabelecem ligação com a espécie *não história*. Os mais usuais são certidões, atas e alguns tipos de atestados.

Em se tratando da espécie *história*, é importante atentar para a sua construção composicional, ou superestrutura. Segundo Travaglia, a superestrutura *história* se compõe por: i. Introdução - presença de anúncio seguido por um resumo; ii. Orientação - exposição do cenário, contexto ou situação, sempre com características descritivas; iii. Trama ou Ação - nesse pormenor, existe a) complicação, que é a junção da Orientação e de acontecimentos, chegando-se ao Clímax, b) Resolução e c) o Resultado - conjunto de consequências; iv. Comentários - os comentários podem ser uma explicação, a exposição de expectativas, uma avaliação ou duas ou mais destas possibilidades juntas; v. Epílogo - quando for meramente o fecho, ou seja, a etapa de finalização do texto terá o caráter narrativo. Quando o epílogo for em forma de coda ou uma moral, terão caráter dissertativo. Conhecer a superestrutura da espécie *história*, sem dúvidas, é importante para a formação do educando, ao passo que permitirá a este um melhor domínio das técnicas de escrita, como assinala Travaglia:

Este tipo de conhecimento gramatical sobre a superestrutura permitirá ao aluno controlar a composição estrutural de seu texto: apresentou lugar, época e personagens como necessário para narrar os acontecimentos em foco? Os acontecimentos que constituíram um problema, uma complicação foram resolvidos como? Qual ou quais foram seus resultados? Precisam ser explicadas de algum modo? O produtor vai ou não apresentar uma avaliação? Como se marcou o fim dos acontecimentos? Etc. (TRAVAGLIA, 2004, p. 124).

Pelo fato de o texto narrativo tipo *história* ter por característica a não simultaneidade das situações apresentadas, surge a necessidade de haver a marcação temporal durante a sua elaboração. Para cumprir essa demanda, o escritor pode fazer uso de variados recursos, como: i. algumas expressões bem conhecidas, como “era uma vez”; ii. adjuntos adverbiais, a exemplo de “por muitas décadas”; iii. datas - “aos nove dias do mês de agosto de 1325”; iv. orações

temporais - “quando se amarrava cachorro com linguiça”; v. tempos verbais - passado, presente, futuro, por exemplo.

Vale ressaltar a importância do conhecimento, pelo professor, de um referencial teórico consistente quanto aos tipelementos, pois esses conhecimentos serão fundamentais para o êxito das suas intervenções em sala de aula, no exercício de sua carreira docente, possibilitando a realização das atividades em sala de aula de maneira mais produtiva.

5.2 GÊNERO MEMÓRIA

As relações sociais, em todas as suas variantes, são dependentes do uso da linguagem. Para Bakhtin (2016), o elemento imprescindível para que uma língua seja efetivamente realizada é o enunciado. Através desse elemento constitutivo da linguagem, seja em sua forma escrita ou oral, é possível tanto a expressão quanto a transmissão de sensações, pensamentos e desejos, por meio da palavra. Nessa perspectiva, todo enunciado expressa finalidades e condições bem específicas em cada campo de uso da língua, sendo estruturado por três componentes, a saber, a construção composicional, o conteúdo temático e o estilo da linguagem. Bakhtin nomeia a estabilidade presente nos grupos de determinados enunciados em gêneros do discurso, visto que “Cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados” (2016, p.12). Tamanha a variedade dos gêneros do discurso, não seria exagero, talvez, considerar sua infinitude, pois a dinâmica existente nos diversos campos da atividade humana exige a elaboração de novos repertórios de gêneros e, a cada elaboração, a sua complexidade se intensifica.

A constituição do gênero memória, tal qual amplamente consagrado hoje, é fruto de um processo histórico. A partir do século XVII, a nomenclatura “memórias” começou a ser utilizada, especificando um gênero literário. Naquela época, em seu nascedouro, o termo tinha por finalidade testemunhar acerca de feitos e/ou ideias provenientes de pessoas de relevante influência social, a exemplo de membros do alto clero e nobres. Sobre isso, Aragão (1992, p.2) afirma que “durante muito tempo, não existiu, em termos de literatura, termo preciso para designar um certo gênero específico de narrativa, cujo assunto escolhido a colocava entre a história e a crônica pessoal”.

Em um segundo estágio, o termo “memórias” passa a focar na narrativa de experiências pessoais, tendo um, teor autobiográfico, cujo objetivo maior consistia na descrição de experiências pessoais. Um pouco depois, no século XVIII, surge o romance memorialístico, marcado por seu teor ficcional. Este tipo de literatura foi bastante difundido e popularizado no

mercado editorial naquele período. A mudança da nomenclatura “memórias” para “autobiografia” se processou de forma paulatina, durante os séculos XIX e XX (ARAGÃO, 1992, P.3).

Uma relevante contribuição para a consolidação da autobiografia, enquanto gênero literário, foi realizada por Lejeune, ao apresentar, em 1973, o conceito de pacto autobiográfico. Para que esta classificação de gênero se mostrasse consistente, Lejeune apresentou alguns parâmetros definidores. Vale ressaltar que, em suas considerações, Lejeune admitiu a existência de determinadas falhas teóricas em sua abordagem. Segundo o autor, a autobiografia é uma “narrativa introspectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade” (2003, p. 14).

Ainda segundo Lejeune, o conteúdo abordado se configura como principal elemento diferenciador entre os gêneros memória e autobiografia, sendo esses dois gêneros bastante próximos. “Trata-se de uma questão de proporção, ou, antes, de hierarquia: estabelecem-se naturalmente transições com os outros gêneros da literatura íntima” (LEJEUNE, 2003, p.15). Assim, o foco da autobiografia é a história de vida individualizada de uma pessoa, enquanto o gênero memória acrescenta a esta trajetória de vida elementos relacionados ao contexto social e histórico.

Atualmente, a delimitação entre autobiografia e memórias parece não ser tão definida, visto que o uso do termo “memórias” designa uma narrativa, elaborada por um narrador que, ao mesmo tempo, é personagem, contando os fatos de sua vida. Sendo assim, tanto autobiografia quanto memórias aspiram a “traçar um caminho retrospectivo no tempo, para procurarem refazer o percurso de uma vida; a do autor” (ARAGÃO, 1992, p.4). Desta forma, o gênero memórias encontra-se na junção entre literatura e história. Com relação à literatura, memórias tem por base a elaboração de sentidos, ao elaborar os fatos vivenciados, mas essa elaboração, apesar de apresentar uma noção de verdade, não se propõe a ser pautada com uma exatidão descritiva. No aspecto histórico, a finalidade é a reelaboração, de forma verificável, dos fatos vivenciados.

5.3 GÊNERO MEMORIALÍSTICO E A SALA DE AULA

Com o decorrer do tempo, as sociedades produzem bens culturais e estes bens são legados às gerações seguintes. O acesso das novas gerações a estes bens culturais são fundamentais para a formação do ser social, sendo que “O que a natureza lhe dá quando nasce não lhe basta para viver em sociedade. É-lhe ainda preciso adquirir o que foi alcançado no

decurso do desenvolvimento histórico da sociedade humana [...]” (LEONTIEV, 2004, p.285). Assim, a humanização do indivíduo depende, imprescindivelmente, do contato com o legado oferecido pelos antepassados.

A atividade de leitura literária se configura como prática intelectual das mais importantes e, ao mesmo tempo, instigantes, fruto de um constante processo de aprimoramento durante os séculos. Quando pensada como ferramenta para a emancipação do sujeito, tornando-o capaz de compreender, de questionar sobre seu entorno e de alterar sua realidade, a arte literária ganha uma dimensão muito mais ampla. Para que esta finalidade seja alcançada, é necessário que os leitores passem por um processo formativo, apropriando-se dos elementos culturais herdados, sendo, como aponta Duarte (2002), o acesso a esses bens culturais construídos no fazer educativo, visto que:

[...] produz, nos indivíduos, singulares, a humanidade, isto é, o trabalho educativo alcança sua finalidade quando cada indivíduo singular se apropria da humanidade produzida histórica e coletivamente, quando o indivíduo se apropria dos elementos culturais necessários à sua formação como ser humano, necessária à sua humanização. (DUARTE, 2012, p.50).

A compreensão da dimensão humanizadora do texto literário, portanto, está centrada na própria percepção deste como instrumento para a transformação social. No caso particular dos jovens educandos da localidade de Cacha-Pregos, o trabalho aqui pretendido com a produção das narrativas memorialísticas deve dialogar com outros textos memorialísticos anteriormente produzidos. Esse contato oportunizará àqueles educandos o convívio com vivências de outras pessoas, outras vozes e maneiras de ver o mundo, em tempos e lugares distintos de suas realidades. Desta forma, a consideração de Cândido (2017) se faz bastante pertinente, pois “A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante”. (CÂNDIDO, 2017, p. 182).

O contato com diversas vivências é, possivelmente, a maior contribuição das narrativas memorialísticas para a humanização das pessoas, uma vez que essa familiarização com outras trajetórias de vida irá, certamente, ampliar a visão de mundo desses leitores. Desta forma, “[...] a experiência literária não só nos permite saber da vida por meio da experiência do outro, como também vivenciar esta experiência”. (COSSON, 2019, p.17). Assim, o convívio com o texto literário oferece ao sujeito a oportunidade de experienciar novas dimensões, uma vez que novos sentimentos e percepções brotam a partir da leitura. Neste sentido, o texto literário tem por encargo "tornar o mundo compreensível transformando sua materialidade em palavras de cores,

odores, sabores e formas intensamente humanas”. (idem, p.17).

Possivelmente, revisitar seu passado particular e de sua coletividade irá representar uma experiência marcante na vida dos educandos envolvidos nesse trabalho aqui apresentado. A percepção de si e dos outros membros de sua comunidade como parte de um coletivo intrinsecamente ligado poderá ser ressignificada a partir da troca de vivências. A percepção do quanto o passado histórico de seu povo e de todos os elementos que o compõem tenderá a ampliar a sensibilidade dos envolvidos, mudando o seu olhar no sentido de ampliar seu senso de pertencimento, por meio do contato com trajetórias de vida de pessoas daquela coletividade.

Histórias anônimas, saudades que o tempo deixou para trás, lembranças trancafiadas em bocas receosas em externar o que foi vivido. Esses e outros tantos elementos, uma vez socializados, poderão propiciar um momento humanizador, visto que na coletividade e no contato com as vivências alheias os indivíduos se reconhecem. O olhar sobre seus colegas de classe, sobre os vizinhos e sobre os mais experientes da comunidade possivelmente será modificado, uma vez que as pessoas verão em outras pessoas um pouco mais de suas histórias de vida e o quanto essas têm pontos de interseção com suas próprias trajetórias de vida.

O educador, nesse contexto escolar da lida com o texto literário, tem por tarefa explorar, em sua plenitude, as possibilidades que o esse tipo de texto oferece. Para tanto, faz-se fundamental a este profissional da educação o planejamento de estratégias para o efetivo estreitamento entre o texto literário e os estudantes, em uma relação de busca de sentido para o este contato destes com a literatura. Nessa dinâmica, o estímulo à participação dos educandos em práticas que valorizem suas histórias de vida será indispensável para que, através do reconhecimento de si e dos outros como parte de um todo, o processo de humanização se consolide.

6 QUEM POR AQUI PASSOU: ATIVIDADE DIAGNÓSTICA

O passado não reconhece o seu lugar:
está sempre presente...
(Mario Quintana).

O final da segunda década do século XXI foi um momento cercado por muita dor e aflição, decorrente da pandemia pelo vírus Covid-19. As ruas das grandes, pequenas e médias cidades ficaram desertas. Metrô, trem, ônibus e outros meios de transporte de massa praticamente vazios, tendo como usuários, quase que exclusivamente, profissionais ligados aos serviços essenciais. De repente, pessoas confinadas em suas residências, tendo a incerteza, a ansiedade e o medo como principais companhias. Da janela do oitavo andar, na residência de meus pais, em Salvador, onde fiquei a maior parte dos quase dois anos de distanciamento social, os versos da canção *O dia em que a Terra Parou*, de Raul Seixas e Cláudio Roberto, inspirado no conto de Hary Bates e também exibido nas telas de cinemas no início dos anos 1950, sob direção de Robert Wise, pareciam estar materializados. A Avenida Luís Viana Filho, uma das principais artérias viárias da capital baiana, não mais tinha a mesma dinâmica de antes da pandemia.

O contexto de hospitais lotados, de pessoas morrendo por insuficiência respiratória aguda e de outras tantas se expondo à infecção, por se amontoarem nas filas para tentar sacar o auxílio emergencial, parecia um triste filme e o que mais se esperava era o seu desfecho. A expectativa do sucesso nas pesquisas da tão necessária vacina contra o vírus gerava esperança e, ao mesmo tempo, ansiedade. O sistema educacional não ficaria, obviamente, incólume a este penoso processo: escolas fechadas, estudantes em seus lares e a incerteza de quando e como o retorno ao espaço escolar aconteceria. Durante esse período, o processo de municipalização do Ensino Fundamental II acabou extinguindo a última turma do 9º Ano existente no Colégio Estadual Juracy Magalhães Júnior. Como decorrência disso, a intervenção pedagógica ficou impossibilitada de ser executada naquela unidade escolar. Pelo mesmo motivo, as visitas a campo não contaram com a participação de estudantes, sendo realizadas apenas pelo pesquisador.

Antes de um caminho ser percorrido, é preciso pensar quais trilhas e itinerários são necessários. Disto isto, para esta pesquisa qualitativa, a metodologia adotada é a de pesquisa-ação, de natureza interventiva, sendo que a interação entre educador e educandos será o fio condutor nessa empreitada. Uma das intenções dessa abordagem interativa é a familiarização com o processo de ensino e aprendizagem que os educandos do Colégio Estadual Juracy Magalhães Júnior, na localidade de Cacha-Pregos, no Município de Vera Cruz/BA, demonstram

ter no processo leitura e produção de textos escritos. Para que esta atividade seja proveitosa, deve-se considerar que “Os pesquisadores desempenham um papel ativo no equacionamento dos problemas encontrados, no acompanhamento e na avaliação das ações desencadeadas em função dos problemas” (THIOLLENT, 1998, p. 15). Uma vez detectada uma determinada problemática em uma comunidade, a metodologia de pesquisa adotada pelo pesquisador, em caráter interventivo, deverá se propor a atuar de forma colaborativa, numa junção de esforços entre o pesquisador e as pessoas da comunidade. Desta forma, a pesquisa de natureza interventiva é:

[...] um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. (THIOLLENT, 2009, p.16).

A partir da afirmativa de Thiollent, compreende-se que a afinidade e a interação entre pesquisador e os atores sociais envolvidos - neste caso educandos, pais, familiares e demais moradores da comunidade - é relevante, como se fosse a apresentação de uma orquestra, que exige o melhor alinhamento e sincronia entre os músicos e o maestro. O objetivo geral dessa pesquisa aqui descrita gira em torno de entender como a população da localidade de Cacha-Pregos compreende e se relaciona com o passado e as memórias individuais e coletivas. Esse entendimento será possível com base na elaboração de um plano de ação, a partir do conhecimento construído coletivamente. A referência para a pesquisa neste trabalho é baseada na abordagem de Thiollent, a chamada pesquisa-ação: “[...] a pesquisa-ação é realizada em um espaço de interlocução onde os atores implicados participam na resolução dos problemas, com conhecimentos diferenciados, propondo soluções e aprendendo na ação” (THIOLLENT, 2002, p. 4). A partir dessa assertiva, fica evidente que a dinâmica da pesquisa-ação possui caráter colaborativo.

A pesquisa-ação possui duas finalidades, a saber, uma de natureza acadêmica e uma finalidade de caráter prático, que neste caso diz respeito a investigar como as memórias individuais e coletivas influenciam o cotidiano e as relações socioafetivas dos moradores da localidade de Cacha-Pregos, em Vera Cruz/BA. Apesar de estas finalidades serem distintas, elas interagem dentro de um plano de ação construído. Do ponto de vista acadêmico, a pesquisa-ação não deve se limitar a produzir uma espécie de fotografia, ou seja, de uma imagem estática, apenas com finalidade documental. Antes, deve se propor a fomentar ações efetivamente transformadoras para a realidade constatada (THIOLLENT 2009, p. 45).

Por sua vez, os objetivos práticos devem ter por norte a compreensão de como aquela

coletividade lida com seus processos de memória, individual e coletivamente, e como o exercício desse entendimento pode contribuir para o fortalecimento dos vínculos socioafetivos, o fortalecimento da autoestima, a construção do senso de pertencimento e a melhor percepção dos envolvidos de seu papel enquanto sujeitos históricos, capazes de intervir nas mudanças sociais. A partir da identificação dos problemas, devem-se eleger as prioridades para as tentativas de resolução, desde que exequíveis. Quanto a isso, Thiollent (2009) observa que esta ação deve “[...] contribuir para o melhor equacionamento possível do problema considerado como central na pesquisa, com levantamento de soluções e propostas de ações correspondentes às soluções para auxiliar o agente (ator) na sua atividade de transformação da situação” (*idem*).

Muito além, pois, da resolução dos problemas aferidos na comunidade, a conscientização dos sujeitos de seu papel e lugar no mundo, enquanto sujeitos históricos, capazes e, sobretudo, responsáveis por mudarem suas realidades, deve ser resultante da pesquisa de caráter interventivo. Desta forma, os envolvidos na pesquisa irão vivenciar uma tomada de consciência:

Nesse caso, não se trata apenas de resolver um problema imediato e sim desenvolver a consciência da coletividade nos planos político e cultural a respeito dos problemas importantes que enfrenta. O objetivo é tornar mais evidente aos olhos dos interessados a natureza e a complexidade dos problemas considerados. (THIOLLENT, 2009, p. 21).

Para o desenvolvimento desta investigação, a coleta de dados tem por base: i) caderno de campo, para anotações de tudo que foi presenciado nas visitas *in loco*; ii) observação participante das atividades propostas de caráter escrito, a exemplo dos textos escritos na modalidade narrativa; iii) aplicação de questionário, para saber o que os educandos pensam acerca da memória individual e coletiva de si e da comunidade; iv) registro fotográfico, para documentar os principais pontos da localidade, sobretudo os locais de encontros coletivos, nos quais há trocas e interações entre as gerações; v) acesso ao Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, foco desta investigação, para averiguar se o documento guarda relações e apresentar intenções de trabalhos pedagógicos com questões que dizem respeito à memória, à ancestralidade e à identidade.

A intenção é que os alunos busquem informações acerca da memória, da ancestralidade e da própria identidade e da alteridade, tanto com os familiares quanto com os mais velhos da comunidade. A partir desse movimento dialético, espera-se que os educandos aprendam sobre as histórias vinculadas ao passado da localidade e das relações que essas histórias estabelecem ao compor o imaginário coletivo da comunidade de Cacha-Pregos.

Em um primeiro momento, houve a visita de campo à localidade de Cacha-Pregos. Pelo

motivo já exposto, a visita foi realizada apenas sem a participação de estudantes. A visita ocorreu em 28 de março de 2022, uma segunda-feira, no turno da manhã. Percorri algumas ruas da localidade, como de costume, mas, desta feita, com um olhar diferenciado, imbuído do meu objetivo enquanto pesquisador. Busquei contato com pessoas da localidade, de variadas idades e gêneros, a fim de estabelecer um diálogo, ainda que informal, para um reconhecimento das dinâmicas sociais lá presentes. Uma das coisas que mais me chamou a atenção foi o prazer demonstrado, pela maioria das pessoas contactadas, de ser nativo e/ou de ser morador da localidade de Cacha-Pregos.

Conversar com pessoas idosas foi muito gratificante, pois elas tiveram muito a contar sobre suas memórias, vinculadas ao passado do local. Foi muito interessante o tom saudosista que a maioria dessas pessoas demonstrou ao narrarem suas vivências, tanto no aspecto pessoal, quanto no aspecto da coletividade. Nesses momentos, vieram-me à mente as explanações de Halbwachs (1950) quanto a construção da memória ser um ato, sobretudo, de caráter coletivo, em meio à efervescência social. Outro pormenor que me chamou a atenção foi a maneira como as pessoas parecem estar integradas com a natureza, em especial com o mar. A relação parece muito estreita e respeitosa. O cuidado com a preservação ambiental parece ser levado a sério, pois não percebi sujeira na faixa de areia, tampouco no mar. Apesar da ação dos segmentos imobiliários em devastar parte das áreas verdes para a construção de condomínios, grande parte da vegetação nativa ainda permanece intacta, sobretudo na região dos manguezais. Na região mais próxima da praça principal, onde há a presença de moradias mais populares, a preservação da área verde não foi observada.

Na sexta, 29 de abril de 2022, houve a segunda visita à comunidade; desta vez, mais familiarizado com o povo que lá reside. De posse de aparelho celular, assim como na primeira visita, fotografei diversas vezes alguns pontos da localidade de Cacha-Pregos. O colorido do lugar salta aos olhos e não há como não sentir a presença dos elementos da natureza naquele local. A brisa do mar refrescante ao bater no rosto, o cheiro da maré invadindo as narinas e o verde da vegetação predominante, em contraste com o azul do mar, servindo como cenário para essa visita de campo.

Ao conversar com pessoas mais maduras, um dos temas mais recorrentes foram as mudanças ocorridas nas últimas décadas. A chegada da energia elétrica, da água encanada e da pavimentação da pista até o entroncamento de Tairu (localidade próxima ao entroncamento à Ponte do Funil - comunicação entre a Ilha de Itaparica e o Recôncavo Baiano) foram bastante citados. O aumento da insegurança, por sua vez, foi o fator negativo mais mencionado durante as escutas.

A terceira e última visita à comunidade ocorreu no dia 23 de maio de 2022, uma segunda-feira à tarde. De posse das anotações anteriores, consegui conversar novamente com algumas pessoas com as quais já o havia feito nas vezes anteriores, a fim de aprimorar alguma informação. Desta vez, já com certo grau de confiança, os diálogos foram mais fluidos e espontâneos. Apesar desse avanço, não consegui convencer os entrevistados a saírem do anonimato e tive que respeitar o pedido de que este fosse mantido.

Interagir com essas pessoas foi uma experiência ímpar em minha vida pessoal e acadêmica. Do ponto de vista pessoal, percebi o quanto essas pessoas têm a dizer e o quanto tenho a aprender a partir da fala e da experiência do outro, a partir desse ato dialético. Do ponto de vista acadêmico, essas falas confirmam o quanto a memória do povo de um lugar expressa um sentimento de pertencimento e de força de uma coletividade. Foi a oportunidade de, para além das teorias estudadas, perceber o quanto o rememorar evoca vivências e o quanto essas lembranças trazem à tona a importância das coisas vividas para aquelas pessoas.

6.1 FAZER HISTÓRIAS, CONSTRUIR MEMÓRIAS

Finalizadas as visitas a campo, o processo de elaboração da proposta interventiva na turma e, por extensão, na localidade, começou a ganhar forma. Cabe ressaltar que essa proposta de intervenção não poderá ser aplicada, em consequência da extinção da única turma de Ensino Fundamental II que ainda existia na unidade escolar por conta da municipalização do Ensino Fundamental. Desta forma, este trabalho se estabelece como uma proposição. Assim, em situação posterior, esse material poderá ser utilizado em outra unidade escolar.

Uma atividade que propusesse um diálogo entre o presente e o passado daquele povo, geograficamente tão distante, seria a oportunidade de despertar nos jovens estudantes do Colégio Estadual Juracy Magalhaes Junior o interesse sobre os fatos que constituíram suas próprias vidas, visto que a maioria destes jovens são a descendência direta dos antigos moradores do local. Nessa perspectiva da construção da memória e na sua realização no fazer coletivo (HALBWACHS, 2004), a proposta de intervenção deveria contemplar a interação entre essas vozes, ou seja, um diálogo entre os mais experientes e os jovens educandos. Outro componente importante a essa proposta de intervenção diz respeito a despertar nos estudantes o aguçar da percepção espacial do local, o olhar sobre pontos específicos, instigando nos jovens a curiosidade de quantas histórias teriam ocorrido em uma determinada parte da praia, no cais do porto, debaixo de uma determinada árvore ou em um banco da praça.

Na materialização da proposta de intervenção, o primeiro encontro se configura bastante

importante. É neste primeiro momento que aos educandos deverá ser apresentado, ao menos em linhas gerais, o que virá a ser feito. Portanto, os educandos deverão ser informados sobre o fato de estarem, a partir de então, iniciando uma sequência didática, com números de encontros, conteúdos e data prevista para seu encerramento. Para esta finalidade, a exposição e o trabalho com os gêneros textuais junto aos educandos se mostram imprescindíveis, pois esta será a oportunidade de que estes se apropriem do conhecimento quanto às características e estrutura dos gêneros, auxiliando-os na capacidade de comparar e distinguir cada um destes gêneros de outros tantos gêneros existentes. Este trabalho sobre os gêneros textuais deverá culminar com a apresentação ao gênero específico em questão nesta sequência – memórias literárias.

A apresentação, segundo Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), é a ocasião propícia para que os educandos construam uma representação do contexto comunicativo e da atividade que será construída. Ainda, segundo os autores, “[...] trata-se de um momento crucial e difícil [...]” (DOLZ, NOVERRAZ e SCHNEUWLY, 2004, p.4). Para o êxito na execução, faz-se necessário a adoção de alguns procedimentos: i.: a apresentação do problema de comunicação bem definido e ii.: a preparação dos conteúdos dos textos que serão produzidos.

Na apresentação do problema de comunicação, há de se definir um projeto coletivo de produção de um gênero oral ou escrito e este deve ser apresentado aos educandos de forma bem clara, visando que estes compreendam que a produção de texto oral ou escrito terá por finalidade a resolução de um problema de comunicação. Desta forma, os educandos devem ser induzidos a pensarem, por exemplo, que gênero textual será abordado. Também é interessante perguntar aos estudantes a quem a produção textual será dirigida, ou seja, o público-alvo, a exemplo de pessoas da localidade, pais, educandos de outras escolas, de outras turmas etc. O formato da produção não poderia ser esquecido nesse momento e os educandos devem ser interpelados quanto às possibilidades de sua modalidade, a exemplo de folheto, coletânea de textos, livros digitais, gravação de vídeo, áudio book, dentre outras.

Na preparação dos conteúdos a serem produzidos, os educandos devem ser capazes de ponderar e terem a percepção da importância dos conteúdos. Assim, os autores acrescentam que “Se for o caso de uma carta ao leitor, os alunos deverão compreender bem a questão colocada e os argumentos a favor e contra as diferentes posições. Para redigir um conto, eles deverão saber quais são seus elementos constitutivos: personagens, ações e lugares típicos [...]”. (DOLZ, NOVERRAZ e SCHNEUWLY, 2004, p.5). Desta forma, essa fase inicial acaba por informar à classe o projeto comunicativo a ser construído, bem como a linguagem específica à qual este está vinculado.

Uma outra questão muito importante diz respeito à possibilidade do processo de escuta,

junto aos educandos, de sugestões quanto à condução dos trabalhos durante a sequência didática, visto que boas ideias, porventura, poderiam engrandecer o andamento das ações. Da mesma forma, levar em consideração a realidade da turma envolvida se mostra uma atitude prudente e bastante oportuna. Desta consideração, algumas adaptações, porventura, poderiam ser implementadas, a exemplo de qual produto seria construído ao final da intervenção, por exemplo. Quanto a esta abertura de diálogo com os educandos, quanto às adaptações no processo de execução da sequência didática, vale considerar que:

As sequências didáticas apresentam uma grande variedade de atividades que devem ser relacionadas, adaptadas e transformadas em função das necessidades dos alunos, dos momentos escolhidos para o trabalho, da história didática do grupo e da complementaridade em relação a outras situações de aprendizagem da expressão, propostas fora do contexto das sequências didáticas. É a partir de uma análise minuciosa da produção da produção inicial que o professor poderá adaptar a sequência didática à sua turma, a certos grupos de alunos de sua turma, ou ainda a certos alunos. (DOLZ, NOVERRAZ e SCHNEUWLY, 2004, p.93).

A proposta de intervenção aqui proposta é norteada por procedimentos planejados, em seus pormenores, em sua formulação, a exemplo dos critérios de avaliação, no tempo destinado à realização de cada atividade e na seleção do material a ser utilizado. A sequência didática, apresentada a seguir, será o fio condutor neste processo, tendo na figura do educador o facilitador para o andamento do trabalho. A importância desta sistematização do trabalho a ser empreendido é imensa, por compor “um conjunto de atividades escolares, organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual [...]” (DOLZ, NOVERRAZ e SCHNEUWLY, 2004, P. 82). A probabilidade de êxito da proposta de intervenção, em grande parte, estará vinculada ao modo como foi planejada.

Na sistemática de trabalho apresentada por Dolz, Noverraz e Schneuwly, a adoção do uso de módulos é bastante relevante. Segundo os autores, os módulos são importantes por possibilitar tratar dos problemas que surgem na primeira produção. Outra importante função dos módulos é propiciar aos educandos as ferramentas necessárias para solucionar esses problemas da produção inicial.

6.2 SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Ainda criança, escutei, pela primeira vez, a canção *Oração ao Tempo*, de Caetano Veloso. Mesmo sem compreender plenamente a letra, os versos e a melodia me invadiram a alma. Aquela letra me tomou de supetão, como um vento que quase me arrancou do chão. A voz meiga de Caetano, a cadência dos instrumentos musicais e a mensagem presente na canção

me levaram a um estado sublime de alma. Provavelmente, essa composição seja uma das mais profundas e belas maneiras de descrever esse Senhor de nossas vidas. Esse mesmo senhor, tão impetuoso em sua trajetória, devorando nossa existência, trazendo-nos as rugas no rosto, amenizando dores que a vida nos traz, também nos traz a maturidade e o melhor entendimento acerca das coisas e dos seres que nos cercam. As memórias que povoam nosso pensamento são verdadeiras correntes que arrastamos até o nosso fechar derradeiro dos olhos.

Ao pensar sobre o objeto de pesquisa para o Mestrado Profissional em Letras – POFLETRAS, algumas ideias surgiram, mas não hesitei quando pensei em tratar das memórias dos educandos e do quanto isso poderia ser significativo em suas vidas. Assim surgiu a motivação deste projeto aqui apresentado. A partir dessa definição mais ampla, passei a mentalizar como essa temática poderia ser lapidada e transformada em algo que estabelecesse nexos com a realidade da sala de aula. Para esse fazer, a pesquisa de campo foi condição *sine qua non*, me proporcionando um contato com vozes da comunidade que serviram de farol para o entendimento mais claro sobre a maneira de ser e de estar daquelas pessoas. Lamentavelmente, com a extinção da única turma de 9º Ano do Ensino Fundamental II, decorrente do processo de municipalização deste segmento, as visitas a campo não puderam contar com a participação dos educandos.

A escolha dos textos a serem utilizados em sala foi norteada pelo teor memorialístico do qual esses são compostos. A canção Fotografia 3x4, de Belchior, um verdadeiro testemunho das desventuras que os nordestinos, na década de 1970, vivenciavam ao buscar uma vida longe da seca no sertão e no agreste, na região sudeste do Brasil. Os contrastes entre o sudeste das oportunidades e das decepções com o árido nordeste saltam aos olhos nessa trajetória pessoal, narrada em forma versada pelo saudoso compositor cearense.

Vozes Mulheres, de Conceição Evaristo, é um poema que trata da ancestralidade e de como essa se perpetua em cada um de nós, de como somos o acúmulo de todos que nos precederam. Poema daqueles que nos tira da zona de conforto, que provoca a reflexão do quanto a memória coletiva se faz no presente e se expande ao futuro, em um contexto social marcado pela desigualdade e pela exclusão para com os afrodescendentes no Brasil.

O Trem de Ferro, de Emanuel Castro Oliveira, retrata um pedaço da Bahia cortado pela linha extinta linha férrea e o quanto esse caminho importava para as cidades por ele conectadas, em um passado não tão distante. Os rostos, as vozes, os elementos naturais e os fatos são apresentados por meio de um hábil e sedutor lirismo, revisitando uma infância marcada pelo contato com sua gente. Após pesquisar exaustivamente sobre um texto que pudesse usar na sequência didática, ao conversar com minha amiga e colega de trabalho Margarete Andrade,

esta mencionou o texto. Após a leitura, não haveria como não o incluir na sequência, pois o deslumbramento com o mesmo foi inevitável.

Como itinerário formativo para a intervenção, pensa-se em adotar 10 encontros, sendo cada um destes constituídos por 02 horas/aula. Para fins de organização, essa sequência didática foi elaborada em dois módulos - Módulo Educador e Módulo Educando.



Estado da Bahia – Secretaria da Educação

Colégio Estadual Juracy Magalhães Júnior - Área de Linguagens

**MEMÓRIAS DOS CONFINES DA ILHA: DO AMBIENTE FAMILIAR ÀS AULAS DE
LÍNGUA PORTUGUESA - UM DEDO DE PROSA ENTRE O PRESENTE-PASSADO
PARA PRODUÇÕES NARRATIVAS**

MÓDULO I - MÓDULO EDUCADOR

Encontro 01 (02 aulas)	
Tema	Memória e Identidade
Intervenção Pedagógica	- Apresentação do projeto, a partir da exposição dos: • Objetivos; • Execução; • Produto final. - Levantamento de conhecimentos prévios: propor para a turma atividade diagnóstica: • Você sabe o que é narrativa? • O que você poderia me dizer sobre memória? • Conhecer sobre o seu passado e de seus ancestrais é importante? • E sobre conhecer o passado da sua comunidade? É também importante? - Leitura, declamação e discussão do poema <i>Vozes Mulheres</i>, de Conceição Evaristo; - Execução e discussão sobre a canção “Fotografia 3X4”, de Belchior; - Escolha das pessoas a serem convidadas para apresentar suas falas sobre o passado da comunidade no encontro 04. - Construção coletiva do roteiro de entrevista com os convidados.
Data	A definir.
Objetivos	- Apresentar o projeto de intervenção; - Perceber o interesse e o nível de entendimento dos estudantes sobre memórias; - Interpretar o poema <i>Vozes Mulheres</i>, de Conceição Evaristo, e da canção <i>Fotografia 3X4</i>, de Belchior; - Identificar as marcas textuais da tipologia textual Narrativa e do gênero Memória; - Escolher as personalidades locais para compartilharem parte de suas vivências. - Elaborar o roteiro de entrevista a ser realizada no encontro 04.
Procedimento Metodológico	- Dividir a turma em quarteto e entregar o texto <i>Vozes Mulheres</i>, de Conceição Evaristo;

	- Realizar a leitura, declamação e discussão sobre a temática do poema <i>Vozes Mulheres</i>; - Executar a canção “Fotografia 3X4”, de Belchior e solicitar aos educandos que acompanhem a letra; - Indagar ao grupo: • Qual o tempo predominante no poema? • O mesmo tempo predominante no poema coincide com o tempo predominante na música? • O que mais chamou a atenção de vocês durante a leitura do poema? • Quais as pistas de que tanto o poema quanto a canção indicam a expressão de memórias? - Solicitar aos educandos que estes se agrupem, em número de 04 e discutam sobre os textos a partir das provocações realizadas; - Abrir espaço para a exposição oral dos quartetos quanto ao que cada um destes discutiu sobre o assunto; - Propor aos educandos a eleição de duas pessoas mais experientes na comunidade para serem convidadas a partilhar parte de suas vivências no Encontro 04. - Pedir aos educandos a elaboração, de forma coletiva, de um roteiro de pesquisa para conduzir a conversa com os convidados.
Recursos	- Textos Impressos; - Datashow.
Avaliação	Observação da exposição das ideias dos educandos por meio da oralidade, tendo como critérios o poder de argumentação e de estabelecer correlação entre os textos, identificando como ponto de intercessão as memórias.
Referências	BELCHIOR. Fotografia 3×4, música; LP, Alucinação. PolyGram, Rio de Janeiro, 1976. EVARISTO, Conceição. Poemas da recordação e outros movimentos. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

TEXTO I

VOZES MULHERES

A voz da minha bisavó

Ecoou criança
nos porões do navio.
ecoou lamentos
de uma infância perdida.

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela.

A minha voz ainda
ecoava versos perplexos
com rimas de sangue
e fome.

A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato

O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
o eco da vida-liberdade.

(EVARISTO, 2008, p. 10-11)

TEXTO II

FOTOGRAFIA 3X4

Eu me lembro muito bem do dia em que eu cheguei / Jovem que desce do Norte pra cidade grande / Os pés cansados e feridos de andar légua tirana / E lágrima nos olhos de ler o Pessoa e de ver o verde da cana / Em cada esquina que eu passava um guarda me parava / pedia os meus documentos e depois sorria / examinando o três-por-quatro da fotografia / e estranhando o nome do lugar de onde eu vinha / Pois o que pesa no Norte, pela lei da gravidade / disso Newton já sabia / Cai no Sul grande cidade / São Paulo violento / corre o rio que me engana / Copacabana zona norte / e os cabarés da Lapa onde eu morei / Mesmo vivendo assim / não me esqueci de amar / que o homem é pra mulher e o coração pra gente dar / mas a mulher / a mulher que eu amei não pode me seguir não / esses casos de família e de dinheiro eu nunca entendi bem / Veloso o sol não é tão bonito pra quem vem do Norte / e vai viver na rua / A noite fria me ensinou a amar mais o meu dia / e pela dor eu descobri o poder da alegria / e a certeza de que tenho coisas novas coisas novas / coisas novas pra dizer / A minha história é talvez / é talvez igual a tua / jovem que desceu do Norte que no Sul viveu na rua / e que ficou desnorteado / como é comum no seu tempo / e que ficou desapontado / como é comum no seu tempo / e que ficou apaixonado e violento como / como você / Eu sou como você / Eu sou como você / Eu sou como você / que me ouve agora / Eu sou como você / Como Você.

BELCHIOR. Fotografia 3×4, música; LP, **Alucinação**. PolyGram, Rio de Janeiro, 1976.

Encontro 02

(02 aulas)

Tema	Memória é vida!
Intervenção Pedagógica	- Estudo sobre a tipologia textual Narrativa; - Estudo sobre o gênero textual Memórias; - Leitura e interpretação de texto narrativo, no gênero Memórias;
Data	A definir.
Objetivos	- Compreender os elementos constitutivos e marcadores linguísticos da tipologia narrativa;

	- Compreender os elementos constitutivos e marcadores linguísticos do gênero memória;
Procedimento Metodológico	- Leitura oral compartilhada do texto escrito <i>Texto Narrativo</i> ; - Roda de conversa sobre a estrutura e elementos constitutivos da tipologia narrativa; - Exibição do vídeo <i>Como escrever memórias Literárias?</i> - Exposição oral dos educandos acerca de suas impressões sobre o assunto apresentado no vídeo.
Recursos	- Texto impresso; - Datashow.
Avaliação	- Observação da oralidade dos educandos; - Consideração da capacidade argumentativa dos educandos sobre os assuntos tratados.
Referências	Texto Narrativo. Educa Mais Brasil, 2020. Disponível em: < https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/lingua-portuguesa/texto-narrativo >. Acesso em: 06 jan. 2023. SOUZA, Julieta. Como escrever memórias literárias? Youtube, 4 de jun. 2021. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=W5THrmSsLCw >. Acesso em: 06 jan. 2023.

TEXTO I

TEXTO NARRATIVO

Texto que narra as ações de personagens em determinado tempo e espaço

O texto narrativo é aquele que narra uma história através da sequência de fatos. A sucessão de acontecimentos é contada por um narrador que apresenta os principais elementos da narração. A estrutura básica de um texto narrativo é formada pela introdução, pelo desenvolvimento e pela conclusão, ou seja, ele tem começo, meio e fim.

Ao longo de uma estrutura narrativa são apresentados os principais elementos da narração: espaço, tempo, personagem, enredo e narrador. Geralmente escrito em prosa, o

texto narrativo encontra destaque nos seguintes gêneros: romance, novela, conto, crônica e fábula.

Principais elementos da narrativa

Os principais elementos da narrativa são espaço, tempo, enredo, personagem e narrador. Esses elementos são fundamentais para desenvolver uma narrativa interessante e coerente.

Espaço: trata-se do local onde se passa a narrativa. As ações podem se desenrolar em um espaço físico, em um espaço social ou em um espaço psicológico.

Tempo: o tempo se refere à duração das ações da narrativa e do desenrolar dos fatos na história. Ele pode ser cronológico, quando se trata de acontecimentos marcados pelas horas, dias e anos, ou pode ser psicológico, quando se refere às lembranças e às vivências das personagens.

Enredo: trata-se da trama onde as ações se desenrolam. O enredo é formado pelos acontecimentos ocorridos em determinado tempo e espaço que são vivenciados pelas personagens.

Personagens: existem as personagens principais que são essenciais para o enredo. Elas podem ser protagonistas que desejam, tentam, conseguem algo, ou antagonistas que dificultam, atrapalham e impedem que algo aconteça. As personagens secundárias desempenham papéis menores, podendo ser coadjuvantes, quando ajudam as personagens principais em ações secundárias, ou figurantes, ajudam na caracterização de um espaço social.

Narrador: O narrador é quem conta a história. Existem três tipos de narrador: narrador observador, narrador personagem e narrador onisciente.

- Narrador observador – o narrador observador narra os fatos em 3ª pessoa e mantém uma narrativa imparcial e objetiva. Ele conhece os fatos, mas não participa das ações, de modo que conta a história sem se envolver diretamente com ela. Embora tenha conhecimento das ações, o narrador observador não conhece o íntimo das personagens.
- Narrador personagem – o narrador personagem conta a história na 1ª pessoa, a partir do seu ponto de vista enquanto personagem, transmitindo suas emoções e deixando a narrativa mais subjetiva. Esse tipo de narrador tem conhecimentos limitados sobre as outras personagens e sobre o enredo como um todo. Ele conhece apenas os próprios pensamentos e as ações que também faz parte.

- Narrador onisciente – o narrador onisciente usa tanto a narração em 3ª pessoa quanto em 1ª pessoa. Há momentos na narrativa em que a voz do narrador se confunde com a voz dos personagens, pois esse tipo de narrador conhece as personagens e o enredo como um todo, nos mínimos detalhes.

Tipos de discurso narrativo

O discurso do texto narrativo é a forma como a voz das personagens aparece na voz do narrador. A depender do uso do discurso, a narrativa pode ser mais dinâmica ou mais estática, mais natural ou mais forçada, mais interessante ou mais desinteressante e mais objetiva ou mais subjetiva.

O texto narrativo possui três tipos de discurso:

Discurso direto – menciona a fala das personagens de maneira exata, sem que o narrador tenha participação.

Discurso indireto – as falas das personagens são reproduzidas pelo narrador utilizando suas próprias palavras.

Discurso indireto livre – é uma mistura de discurso direto com discurso indireto, de forma que os acontecimentos são inseridos na voz do narrador e na fala direta das personagens, simultaneamente.

Estrutura básica do texto narrativo

A estrutura do texto narrativo é composta por introdução, desenvolvimento e conclusão.

Introdução: também conhecida como apresentação, é nessa parte do texto que se apresenta os fatos para posteriormente desenvolver seus desdobramentos. Na introdução apresenta-se o contexto, o espaço, o tempo, as personagens, o enredo e o narrador para que o leitor saiba com quem, quando e onde os fatos se passam.

Desenvolvimento: no desenvolvimento surgem os conflitos que tiram o equilíbrio apresentado na introdução e modifica a situação inicial. Essa parte da narração revela para o leitor a problemática, o que e como se passa a história. No desenvolvimento ocorre também aquele momento marcante e revelador da história, que fará com que o leitor não pare de ler até que encontre um desfecho. Esse momento é chamado de clímax.

Conclusão: também chamada de desfecho, na conclusão, o leitor descobre o que houve com as personagens, bem como entende a mensagem passada pela narrativa. Nessa parte da

narração se esclarece a ligação entre os diferentes acontecimentos, ou seja, a conclusão é a parte do texto na qual os conflitos se resolvem.

Dicas para fazer um bom texto narrativo

Um bom texto narrativo requer uma atenção especial aos detalhes de construção e caracterização nos diversos aspectos. Confira algumas dicas que ajudam na elaboração de uma narração:

- Ler romances, contos e textos em formato de crônica, nos quais predomina a narração, pois a leitura aperfeiçoa a habilidade de escrita;
- Ler jornais e revistas sempre observando as características de um texto narrativo, com o objetivo de entender a estrutura utilizada;
- Ficar atento à escrita e elaborar uma estrutura completa com introdução, desenvolvimento e conclusão;
- Apresentar as personagens, o espaço e tempo logo na introdução para que os leitores compreendam todo o desenrolar da história;
- Atentar-se aos detalhes do desfecho do texto com o objetivo de concluir todo o enredo, pois a falta de detalhes prejudicam o entendimento do leitor;
- Praticar a elaboração de textos narrativos, pois o exercício é uma forma constante de aprimorar a escrita.

Texto Narrativo. Educa Mais Brasil, 2020. Disponível em:
<<https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/lingua-portuguesa/texto-narrativo>>. Acesso em: 06 jan. 2023.

Encontro 03

(02 aulas)

Tema	Um caminho de ferro em um pedaço da Bahia
Intervenção Pedagógica	- Leitura e interpretação de narrativa memorialística; - Roda de conversa acerca dos termos desconhecidos que surgiram durante a leitura; - Atividade de pesquisa vocabular; - Socialização sobre os verbetes e expressões pesquisados.
Data	A definir.

Objetivos	- Familiarizar os educandos a uma narrativa memorialística; - Ler e interpretar a narrativa memorialística <i>O Trem de Ferro</i>, de Emanuel Castro Oliveira. - Aprender verbetes e expressões desconhecidas; - Promover a socialização dos termos e/ou expressões pesquisadas.
Procedimento Metodológico	- Propor aos educandos a leitura da narrativa memorialística <i>O Trem de Ferro</i>, de Emanuel Casto Oliveira; - Iniciar uma interpretação compartilhada do texto lido; - Indagar aos educandos sobre quais termos e/ou expressões lhes são desconhecidas e pedir que estes as listem; - Convidar os educandos à pesquisa dos verbetes e expressões listadas, fazendo uso do dicionário impresso, virtual e/ou em sites de pesquisa; - Promover a socialização dos verbetes e/ou expressões pesquisadas.
Recursos	- Dicionário impresso; - Aparelho celular; - Caderno; - Caneta.
Avaliação	- Observação da oralidade dos educandos; - Consideração da capacidade argumentativa dos educandos durante a atividade.
Referências	OLIVEIRA, Emanuel Castro. Cartografia da memória / Emanuel Castro Oliveira . Editora 7Letras, 2009.

O TREM DE FERRO

Como se fosse de um mágico ou de um diretor de teatro, o primeiro apito da primeira locomotiva deu o sinal de despertar, o sinal de decolagem para todas as coisas.

NADAR, Quand j'étais photographe

Era o trem e seu apito, com a regularidade das chegadas e saídas, arrastando vagões de madeira, o anunciador das horas, relógio sonoro a despertar as criaturas, como se as avisasse

que a vida, lá fora, seguia o curso silencioso e inexorável do tempo. Algumas faziam parte de sua freguesia, passageiros de idas e vindas constantes, conhecidos de todos, de caminhos limitados à extensão dos trilhos.

Um daqueles carros, com a palavra CORREIOS pintada de amarelo na lateral, logo me atraiu: debruçado na janela que lhe servia de moldura, viajava Alírio, guarda-fios, cujo ofício consistia no ir e vir, apurando a vista nos oito fios paralelos do telégrafo esticados pela via férrea, pouso ligeiro dos papa-capins, sofrês, curiós, expulsos palmo a palmo da mataria, antes farta. Magros postes de barras de ferro, espécies de caules de metal a contrastarem com o verde das beiradas, sustentavam aqueles fios, parceiros das malas postais. Também eles traziam novas, rápidas com velocidade de asas; na intuição sutil de muitos esses telegramas causavam fundados temores por adivinharem a pressa do amargo em dar as caras.

Naquele vagão me valia do privilégio da companhia da mãe, funcionária dos correios, ouvindo histórias de seus pares, agora aprendiz de guarda-fios e paisagens, móvel mundo, *passa ponte, passa poste, passa boi, passa boiada, passa riacho, passa galho de ingazeira debruçada no riacho, que vontade de cantar!* Riobaldo, cavaleiro e sabedor das veredas do grande sertão, de cabo a rabo, remoía saudades dos tempos em que sacolejou igual a baiano nas bitolas estreitas, *melhor, para a ideia se bem abrir, é viajando em trem de ferro. Pudesse, vivia para cima e para baixo, dentro dele.*

No pouco viajar conheci duas ou três cidades não atravessadas pelo trem e a ausência dos apitos trouxe-me diversa geografia, dividida em duas partes: uma, rendilhada de trilhos por onde rolavam locomotivas transportando gentes e correspondências, cordão umbilical com os de fora e a outra, ao largo do corredor do mundo, roubados os meninos do *Café com pão / Café com pão Café com pão / Virge Maria que foi isso maquinista? / Agora sim / Café com pão / Agora sim / Voa, fumaça.*

Além dos viventes, o trem carregava malas postais grávidas de objetos de outras terras, outros mares, cujo parto se daria daí a horas na sala de nossa casa – o *Correio da Manhã*, a revista *Leitura*, a coleção “Maravilhas do Conto”, com capas em policromia editadas pela Cultrix, a revista *Seleções*, os catálogos da Comercial Hermes, os livros solicitados ao reembolso postal e, pairando acima de tudo, as cartas dos que partiram, dos vagabundos e dos que nunca voltaram.

Assim que o comboio e seu apito longo desapareciam por entre os bambuzais escurecidos ladeando o rio, já nos encontrávamos, eu e a mãe, carregando os sacos de lona pela ladeira íngreme de calçamento irregular, moradores de uma casa na parte alta,

identificada por placa de ferro amarela – CORREIOS E TELÉGRAFOS -, casa única entre tantas tão iguais. Correios e Telégrafos, palavras cujo ressoar ainda me comove.

Desse modo corriam os dias para todos nós, fregueses da Estrada de Ferro Nazaré, com trezentos e vinte e cinco quilômetros de trilhos, sobre os quais deslizavam locomotivas a vapor, comendo sofregamente pilhas e pilhas de lenha ordenadas à margem, partes mortas do que restava da mata atlântica – figueiras, itapicurus, ipês e jequitibás destinados a arder nas suas fornalhas; Quando não se transformavam naquele fumo denso e negro a anunciar a passagem da máquina, viravam dormentes, dispostos transversalmente, sustentando e fixando aquele novo caminho, de ferro.

Principiada na década de setenta do século dezenove, no porto de São Roque, na Baía de Todos os Santos, a construção, de iniciativa particular, arrastou-se por cinquenta anos. No terceiro trecho, em São Miguel, acomodava-se o ponto de baldeação com o destino ao rumo oeste de Amargosa, onde a fumegante *Baldwin* parava, após lamber algumas toras complementares de lenha. Nesse curto ramal de vinte e sete quilômetros as vilotas de Corta-Mão e Acaju adormeciam à beira.

Quem por Amargosa passou, vindo nos trilhos das letras, depois de subir ao telhado do mundo, serras do Julião, Negra, da Jiboia, do Cavaco, da Coroa, da Tartaruga, dos Milagres. Gira-girando, foi Macunaíma, na grandota viagem por esse mundão de Deus para, enfim, topar com o mocambo ilustre do igarapé Tietê; dispensou o trem e deixou-se correr sem peias, montando um aeroplano, pássaro formoso. Mário de Andrade, escrevente da aventura do herói sem caráter, resenhou esse acontecimento com os devidos pormenores.

Estacionara na promessa a história de que os trilhos do ramal de Amargosa seriam espichados sertão adentro até Malhada, passando por Ituassu, Caetité, seguindo trajetória existente, pisada pelos pioneiros e passadores a se aventurarem com bois à fortuna dos sertões, na rota das águas do São Francisco. Metia pena ver a esperança esfumar-se de vez com a notícia da morte da estrada. E a *Baldwin* nunca mais retornou. Naquele final, sem emprego, ficou ao léu durante anos a base circular sobre a qual a máquina volteava.

Os trilhos cortavam doze municípios do sudoeste da Bahia, dois deles no recôncavo e os demais na zona de Jequié. Trinta estações ao longo do caminho de ferro, algumas a parecerem pequenas habitações, permaneciam no aguardo de favorecer aquele trânsito. Nazaré das Farinhas tornou-se a mais singular. Seus mestres farinheiros eram os responsáveis pela alcunha enlaçada ao nome principal; eles, sobre todos, sabiam da farinha de mandioca, apurando-a com a melhor mão, finíssima, conhecida por copioba. E ali se instalou a sede da

administração com pátio de manobras, oficinas gerais e funcionários aplicados ao manejo de tornos a construir e remendar peças para os carros vagões e locomotivas que teimavam em rodar.

A imponente da Estação, obra diferenciada das demais no percurso do trem, ganhava ressaltos no dístico da fachada de autoria do Monsenhor Turíbio Tertuliano Fiúza, professor de Castro Alves, que do lanitório ninguém escapava pelas vizinhanças, *Pervolat Ignivomums currus stridente vapore montesque fugiunt, subtrahi turque solum*. [Avança o carro com estridente vapor, vomitando fogo, enquanto os montes fogem e a terra desaparece.]

E lá ia o trem. Protegia-o dos bois na linha, a abrir os olhos dos maquinistas, Santa Luzia, padroeira dos ferroviários, e a treze de dezembro o apito das balduínas estridulava ritmadamente, decoradas como se roupas domingueiras vestissem.

Principiava a viagem pelo porto de São Roque e aí embarcavam os passageiros procedentes da Bahia, saídos dos navios da *Navegação Bahiana*; no correr, a locomotiva cortava as terras baixas do Recôncavo entre os Rios Paraguaçu e Jaguaripe. Por aqueles lados, nos primórdios, um, por nome Gregório Nunes, viu-se às voltas com o Santo Ofício nos calcanhares por crer na realização do advento e na segunda vinda do Messias, ou quem sabe de Dom Sebastião, desaparecido em Alcácer-Kibir, primeira das muitas tentativas de atingir a Terra sem Males.

De Nazaré a Muniz Ferreira os trilhos faziam parceria com o curso do rio Taitinga e dele se despediam para ir ao encontro de Santo Antônio de Jesus, procedência de Pedro Kilkerry, dos mais bem realizados poetas simbolistas, obra dispersa em jornais e revistas, ausente da terra; por pouco que seja nem ao menos lhe deram o nome de rua. Para alcançar São Miguel das Matas cruzava o rio da Dona e, ali, iniciava o quarto trecho, descendo por entre montes, passando Laje e acompanhando o rio Jequiriçá, que dá nome ao extenso vale. Num dos seus pequeníssimos afluentes, o rio Casca, obra de alguns quilômetros de Santa Inês, com caatingas onde se ia catar frutos do licuri, a linha tomava o caminho de Jaguaquara. Daí percorria os últimos sessenta e cinco quilômetros e após escorregar pelo vale do rio Santa Rosa dava com os costados em Jequié, à borda do Rio de Contas, ponta dos trilhos e residência por uns tempos de Lindolfo Rocha, autor de *Maria Dusá*, dos primeiros romances descritivos da paisagem das lavras diamantinas e do labutar nos garimpos. Antes, a locomotiva parava numa das menores estações, Paixão, que há muito se esfumou, mas permanece suspensa, sem viveza, um retalho da palavra na parede lateral do prédio que teima

em pé, grande incógnita do sensório e emotivo desse anônimo, impetuoso de alma, que lhe pôs esse nome.

No chegar e sair do trem teci a infância, infância ferroviária, ouvindo o som do aparelho Morse, embasbacado com a perícia dos telegrafistas a copiar de ouvidos os telegramas apanhados pelos sons metálicos, desdenhando das tiras de papel impressas com pontos e traços, leitura indispensável. O mais expedito dava-se ao luxo de bisbilhotar a vida dos transeuntes na plataforma da estação, atento simultaneamente ao seu ofício e ao burburinho dos embarques e desembarques.

Até o início da adolescência entretinha-me com um aparelhinho de principiante de telegrafista, mola de aço em tira para pressionar contra a base de contato metálico, auxiliado pelo manual do alfabeto Morse, ganhos do telegrafista Virgílio – o mais hábil de todos -, amigo da mãe e que decerto passara por aquele telégrafo.

Emanoel Castro Oliveira

Encontro 04 (02 aulas)	
Tema	Café com memória
Intervenção Pedagógica	- Apresentação dos convidados aos educandos; - Entrevista aos convidados, por meio de um roteiro de entrevista construído no encontro 01; - Contação das vivências dos convidados de fatos que estes considerem oportunos; - Abertura de espaço para perguntas dos estudantes aos convidados que, porventura, surgirem durante o encontro; - Exposição oral dos educandos e dos convidados sobre a experiência do diálogo.
Data	A definir.
Objetivos	- Promover o diálogo entre diferentes gerações; - Proporcionar aos educandos o contato com vivências da comunidade a partir da ótica de uma ou duas pessoas que testemunharam mudanças significativas no decorrer do tempo;

	- Fomentar o interesse, através dos depoimentos, em conhecer o passado da localidade de Cacha-Pregos.
Procedimento Metodológico	- Organizar o espaço da sala de aula de maneira que as cadeiras sejam dispostas em círculo, com o objetivo de que os presentes possam se sentir num ambiente mais intimista; - Mediar a apresentação dos convidados ao grupo. - Abrir o espaço para os educandos iniciarem a entrevista aos convidados, tendo o roteiro de entrevista como fio condutor; - Propor às pessoas convidadas e aos estudantes suas impressões sobre o encontro.
Recursos	- Roteiro de entrevista; - Caixa de som; - Microfones.
Avaliação	- Observação da interação entre os educandos e os entrevistados; - Criatividade dos educandos expressa nas perguntas aos convidados.
Encontro 05	
(02 aulas)	
Tema	Caminhando por meu lugar
Intervenção Pedagógica	- Passeio pela localidade; - Registro fotográfico; - Seleção de fotografias.
Data	A definir.
Objetivos	- Possibilitar aos educandos um momento de integração com o espaço em seu entorno; - Instigar no grupo um olhar diferenciado sobre os mesmos lugares já tão conhecidos por eles, sob a ótica memorialística, por meio da fotografia; - Selecionar fotografias para projeção em sala de aula no encontro seguinte.
Procedimento Metodológico	Proposição ao grupo de uma caminhada por alguns trechos da localidade; - Cada educando, de porte de seu aparelho celular (ou com celular compartilhado por seu colega, caso não tenha), deverá fazer o registro

	fotográfico de pontos que julguem lhes trazer lembranças suas ou de pessoas da localidade; - Após o passeio e o registro fotográfico, cada educando deverá selecionar uma fotografia que considerar marcante e adequada para atender a proposta da atividade no encontro posterior.
Recursos	Aparelho celular.
Avaliação	Observação dos educandos durante a atividade de campo, tendo como critérios o envolvimento e a iniciativa com a proposta.

Encontro 06 (02 aulas)	
Tema	Mesmos lugares, novos olhares
Intervenção Pedagógica	- Roda de conversa comentando as impressões sobre a atividade fotográfica no encontro anterior; - Abertura a alguns depoimentos, de forma espontânea, sobre o local e a motivação para sua escolha para a fotografia, bem como sua relação com suas lembranças.
Data	A definir.
Objetivos	- Compartilhar as impressões oriundas da atividade externa por meio de depoimentos na roda de conversa; - Promover um momento socialização da experiência dos estudantes sobre a atividade fotográfica. - Proposição de produção inicial, na tipologia narrativa, em gênero memória.
Procedimento Metodológico	- Os educandos serão convidados participar de uma roda de conversa, quando deverão expor suas impressões sobre a atividade de passeio pela localidade e do registro fotográfico. - O educador deverá solicitar aos educandos que iniciem a escrita de um texto narrativo memorialístico, seguindo a estrutura que esse gênero possui, trabalhada em classe no encontro 02.
Recursos	- Caderno; - Caneta.

Avaliação	A avaliação se dará por meio da observação dos comentários dos educandos, tendo como critérios a desenvoltura na expressão oral, o poder de síntese e de explanação das ideias.
------------------	---

Encontro 07 (02 aulas)	
Tema	A Escrita de mim, a escrita de nós
Intervenção Pedagógica	- Compartilhamento dos textos escritos no encontro anterior entre os educandos; - refacção dos textos a partir das observações realizadas pelo colega de turma; - Entrega das refacções ao educador para posterior análise do professor.
Data	A definir.
Objetivos	- Reescrever os textos narrativos memorialísticos; - Exercitar a competência da escrita nos educandos; - Oportunizar aos educandos, através do exercício da escrita, uma reflexão de sua condição autoral. - Aprimorar os textos escritos no tipo narrativo, no gênero memória, por meio da refacção;
Procedimento Metodológico	- Propor aos educandos a socialização de seu texto com um colega de sua preferência, na expectativa de que esse, por meio de seus comentários, possa enriquecer o texto num posterior processo de refacção; - Solicitar aos estudantes a refacção dos textos, considerando as contribuições do colega leitor; - O educador deverá recolher os textos para posterior correção.
Recursos	- Caderno; - Caneta.
Avaliação	A avaliação terá como critérios a criatividade dos educandos. Nos aspectos formais, será levada em consideração a adequação dos textos ao tipo (narrativo) e ao gênero (memória) propostos, o uso adequado do vocabulário, a pontuação, a ortografia, a concordância verbal e nominal, a coesão e a coerência.

Encontro 08 (02 aulas)	
Tema	Fazer, refazer...
Intervenção Pedagógica	- Socialização dos textos escolhidos, por meio do datashow: • a escrita inicial; • a refacção do texto inicial, feita a com colaboração do colega de classe; • as indicações de ajustes feitas pelo educador; - Proposição da segunda refacção dos textos narrativos memorialísticos.
Data	A definir.
Objetivos	- Exemplificar aos educandos os aspectos do texto que devem ser aprimorados, no que concerne ao uso adequado do vocabulário, a pontuação, a ortografia, a concordância verbal e nominal, a coesão e a coerência. - Promover o aprimoramento dos textos, a partir da segunda refacção.
Procedimento Metodológico	- Após analisar e fazer as devidas observações no corpo dos textos refeitos pela primeira vez, o educador deverá fazer a digitalização dos mesmos, com antecedência, escolher dois textos e os projetar, por meio do datashow, para os educandos durante a aula; - Durante a exibição, o educador deverá indicar quais foram os principais ajustes realizados nos dois textos em questão; - Após a exemplificação com os dois textos escolhidos, o educador deverá propor aos estudantes a segunda refacção dos textos.
Recursos	- Datashow; - Caderno; - Caneta.
Avaliação	- Observação do comprometimento dos educandos com a exposição das observações dos dois textos escolhidos; - Concentração dos educandos durante a segunda refacção textual.

Encontro 09 (02 aulas)	
Tema	Fazer coletivo nas lembranças

Intervenção Pedagógica	- Proposição aos educandos da criação de uma coletânea de textos narrativos memorialísticos; - Escolha dos formatos da coletânea e de sua divulgação. - Reflexão do impacto dessa produção sobre a comunidade de Cachapreiros, em relação ao fortalecimento dos vínculos socioafetivos e do fortalecimento da autoestima da comunidade.
Data	A definir.
Objetivos	- Discutir a criação de coletânea de textos narrativos memorialísticos; - Definir os formatos em que essa coletânea irá circular: audiobook, ebook, podcast, livreto, vídeo etc.; - Considerar os meios de execução e divulgação dessa produção. - Proporcionar uma reflexão sobre as consequências do produto final sobre a comunidade local.
Procedimento Metodológico	- Propor aos estudantes uma roda de conversa acerca da transformação de seus textos memorialísticos em uma coletânea, seus formatos e os meios de circulação; - Convidar os educandos à pesquisa, com o uso de celulares, sobre os meios de produção e circulação de conteúdos; - Promover uma atividade oral na qual os estudantes expressem suas opiniões acerca dos possíveis reflexos do contato da comunidade com a produção final divulgada.
Recursos	- Aparelho celular.
Avaliação	- Observação do envolvimento, considerações e envolvimento dos educandos com as atividades.

Encontro 10 (02 aulas)

Tema	Memória dos Confins da Ilha
Intervenção Pedagógica	- Apresentação, em formato impresso, das versões finais dos textos, a partir dos ajustes feitos, para os educandos e para os seus convidados; - Depoimento de alguns educandos sobre a experiência do projeto; - Culminância do projeto de intervenção; - Confraternização entre os autores.

Data	A definir.
Objetivos	- Apresentar aos educandos e a alguns convidados uma versão impressa, ainda que preliminar, dos textos narrativos memorialísticos; - Socializar as experiências dos educandos no projeto; - Apresentar à comunidade escolar, representada por alguns convidados pelos estudantes, as produções textuais; - Promover a integração entre os jovens autores.
Procedimento Metodológico	- As produções textuais deverão ser impressas e organizadas em painéis, fixados em cavaletes, posicionados no pátio do colégio para a visita da comunidade escolar.
Recursos	- Textos impressos; - Cavaletes; - Cartolina / papel duplex.
Avaliação	- Organização do espaço e dos painéis; - Exposição oral dos educandos; - Integração entre os autores e a comunidade escolar.



Estado da Bahia- Secretaria da Educação

Colégio Estadual Juracy Magalhães Júnior - Área de Linguagens

**MEMÓRIAS DOS CONFINES DA ILHA: DO AMBIENTE FAMILIAR ÀS AULAS DE
LÍNGUA PORTUGUESA - UM DEDO DE PROSA ENTRE O PRESENTE-PASSADO
PARA PRODUÇÕES NARRATIVAS**

MÓDULO II - MÓDULO EDUCANDO



Estado da Bahia - Secretaria da Educação

Colégio Estadual Juracy Magalhães Júnior - Área de Linguagens

Educador: Jeã Lins

Educando(a):

Encontro 01 - Memória e Identidade

Atividade 01

- Você sabe o que é narrativa?

- O que você poderia me dizer sobre memória?

- Conhecer sobre o seu passado e de seus ancestrais é importante?

- E sobre conhecer o passado da sua comunidade? É também importante?



Estado da Bahia - Secretaria da Educação

Colégio Estadual Juracy Magalhães Júnior - Área de Linguagens

Educador: Jeã Lins

Educando(a):

Encontro 01 - Memória e Identidade

Atividade 02

Texto I

VOZES MULHERES

A voz da minha bisavó
Ecoou criança
nos porões do navio.
ecoou lamentos
de uma infância perdida.

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela.

A minha voz ainda
ecoa versos perplexos
com rimas de sangue
e fome.

A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha

recolhe em si
a fala e o ato

O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
o eco da vida-liberdade.

(EVARISTO, 2008, p. 10-11)

Texto II

FOTOGRAFIA 3X4

Eu me lembro muito bem do dia em que eu cheguei / Jovem que desce do Norte pra cidade grande / Os pés cansados e feridos de andar légua tirana / E lágrima nos olhos de ler o Pessoa e de ver o verde da cana / Em cada esquina que eu passava um guarda me parava / pedia os meus documentos e depois sorria / examinando o três-por-quatro da fotografia / e estranhando o nome do lugar de onde eu vinha / Pois o que pesa no Norte, pela lei da gravidade / disse Newton já sabia / Cai no Sul grande cidade / São Paulo violento / corre o rio que me engana / Copacabana zona norte / e os cabarés da Lapa onde eu morei / Mesmo vivendo assim / não me esqueci de amar / que o homem é pra mulher e o coração pra gente dar / mas a mulher / a mulher que eu amei não pode me seguir não / esses casos de família e de dinheiro eu nunca entendi bem / Veloso o sol não é tão bonito pra quem vem do Norte / e vai viver na rua / A noite fria me ensinou a amar mais o meu dia / e pela dor eu descobri o poder da alegria / e a certeza de que tenho coisas novas coisas novas / coisas novas pra dizer / A minha história é talvez / é talvez igual a tua / jovem que desceu do Norte que no Sul viveu na rua / e que ficou desnordeado / como é comum no seu tempo / e que ficou desapontado / como é comum no seu tempo / e que ficou apaixonado e violento como / como você / Eu sou como você / Eu sou como você / Eu sou como você / que me ouve agora / Eu sou como você / Como Você.

BELCHIOR. Fotografia 3×4, música; LP, **Alucinação**. PolyGram, Rio de Janeiro, 1976.

ATIVIDADE

Em grupos, compostos por quatro educandos(as), responda:

- Qual o tempo predominante no poema?

- O mesmo tempo predominante no poema coincide com o tempo predominante na música?

- O que mais chamou a atenção de vocês durante a leitura do poema?

- Quais as pistas de que tanto o poema quanto a canção indicam a expressão de memórias?



Estado da Bahia - Secretaria da Educação

Colégio Estadual Juracy Magalhães Júnior - Área de Linguagens

Educador: Jeã Lins

Educando(a):

Encontro 02 - Memória é vida!

Atividade 01

TEXTO I

TEXTO NARRATIVO

Texto que narra as ações de personagens em determinado tempo e espaço

O texto narrativo é aquele que narra uma história através da sequência de fatos. A sucessão de acontecimentos é contada por um narrador que apresenta os principais elementos da narração. A estrutura básica de um texto narrativo é formada pela introdução, pelo desenvolvimento e pela conclusão, ou seja, ele tem começo, meio e fim.

Ao longo de uma estrutura narrativa são apresentados os principais elementos da narração: espaço, tempo, personagem, enredo e narrador. Geralmente escrito em prosa, o texto narrativo encontra destaque nos seguintes gêneros: romance, novela, conto, crônica e fábula.

Principais elementos da narrativa

Os principais elementos da narrativa são espaço, tempo, enredo, personagem e narrador. Esses elementos são fundamentais para desenvolver uma narrativa interessante e coerente.

Espaço: trata-se do local onde se passa a narrativa. As ações podem se desenrolar em um espaço físico, em um espaço social ou em um espaço psicológico.

Tempo: o tempo se refere à duração das ações da narrativa e do desenrolar dos fatos na história. Ele pode ser cronológico, quando se trata de acontecimentos marcados pelas horas,

dias e anos, ou pode ser psicológico, quando se refere às lembranças e às vivências das personagens.

Enredo: trata-se da trama onde as ações se desenrolam. O enredo é formado pelos acontecimentos ocorridos em determinado tempo e espaço que são vivenciados pelas personagens.

Personagens: existem as personagens principais que são essenciais para o enredo. Elas podem ser protagonistas que desejam, tentam, conseguem algo, ou antagonistas que dificultam, atrapalham e impedem que algo aconteça. As personagens secundárias desempenham papéis menores, podendo ser coadjuvantes, quando ajudam as personagens principais em ações secundárias, ou figurantes, ajudam na caracterização de um espaço social.

Narrador: O narrador é quem conta a história. Existem três tipos de narrador: narrador observador, narrador personagem e narrador onisciente.

- Narrador observador – o narrador observador narra os fatos em 3ª pessoa e mantém uma narrativa imparcial e objetiva. Ele conhece os fatos, mas não participa das ações, de modo que conta a história sem se envolver diretamente com ela. Embora tenha conhecimento das ações, o narrador observador não conhece o íntimo das personagens.
- Narrador personagem – o narrador personagem conta a história na 1ª pessoa, a partir do seu ponto de vista enquanto personagem, transmitindo suas emoções e deixando a narrativa mais subjetiva. Esse tipo de narrador tem conhecimentos limitados sobre as outras personagens e sobre o enredo como um todo. Ele conhece apenas os próprios pensamentos e as ações que também faz parte.
- Narrador onisciente – o narrador onisciente usa tanto a narração em 3ª pessoa quanto em 1ª pessoa. Há momentos na narrativa em que a voz do narrador se confunde com a voz dos personagens, pois esse tipo de narrador conhece as personagens e o enredo como um todo, nos mínimos detalhes.

Tipos de discurso narrativo

O discurso do texto narrativo é a forma como a voz das personagens aparece na voz do narrador. A depender do uso do discurso, a narrativa pode ser mais dinâmica ou mais estática, mais natural ou mais forçada, mais interessante ou mais desinteressante e mais objetiva ou mais subjetiva.

O texto narrativo possui três tipos de discurso:

Discurso direto – menciona a fala das personagens de maneira exata, sem que o narrador tenha participação.

Discurso indireto – as falas das personagens são reproduzidas pelo narrador utilizando suas próprias palavras.

Discurso indireto livre – é uma mistura de discurso direto com discurso indireto, de forma que os acontecimentos são inseridos na voz do narrador e na fala direta das personagens, simultaneamente.

Estrutura básica do texto narrativo

A estrutura do texto narrativo é composta por introdução, desenvolvimento e conclusão.

Introdução: também conhecida como apresentação, é nessa parte do texto que se apresenta os fatos para posteriormente desenvolver seus desdobramentos. Na introdução apresenta-se o contexto, o espaço, o tempo, as personagens, o enredo e o narrador para que o leitor saiba com quem, quando e onde os fatos se passam.

Desenvolvimento: no desenvolvimento surgem os conflitos que tiram o equilíbrio apresentado na introdução e modifica a situação inicial. Essa parte da narração revela para o leitor a problemática, o que e como se passa a história. No desenvolvimento ocorre também aquele momento marcante e revelador da história, que fará com que o leitor não pare de ler até que encontre um desfecho. Esse momento é chamado de clímax.

Conclusão: também chamada de desfecho, na conclusão, o leitor descobre o que houve com as personagens, bem como entende a mensagem passada pela narrativa. Nessa parte da narração se esclarece a ligação entre os diferentes acontecimentos, ou seja, a conclusão é a parte do texto na qual os conflitos se resolvem.

Dicas para fazer um bom texto narrativo

Um bom texto narrativo requer uma atenção especial aos detalhes de construção e caracterização nos diversos aspectos. Confira algumas dicas que ajudam na elaboração de uma narração:

- Ler romances, contos e textos em formato de crônica, nos quais predomina a narração, pois a leitura aperfeiçoa a habilidade de escrita;

- Ler jornais e revistas sempre observando as características de um texto narrativo, com o objetivo de entender a estrutura utilizada;
- Ficar atento à escrita e elaborar uma estrutura completa com introdução, desenvolvimento e conclusão;
- Apresentar as personagens, o espaço e tempo logo na introdução para que os leitores compreendam todo o desenrolar da história;
- Atentar-se aos detalhes do desfecho do texto com o objetivo de concluir todo o enredo, pois a falta de detalhes prejudicam o entendimento do leitor;
- Praticar a elaboração de textos narrativos, pois o exercício é uma forma constante de aprimorar a escrita.

Texto Narrativo. Educa Mais Brasil, 2020. Disponível em:

<<https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/lingua-portuguesa/texto-narrativo>>. Acesso em: 06 jan. 2023.

ATIVIDADE

Roda de conversa sobre a estrutura e elementos constitutivos da tipologia narrativa:

- Basicamente, do que trata o texto narrativo?
- Quais são os principais elementos da narrativa?
- Quais são as modalidades de tempo no texto narrativo?
- O que você entende por protagonista em um texto narrativo?
- Quando podemos afirmar que o narrador é do tipo personagem?
- O que diferencia o discurso direto do discurso indireto?

 Estado da Bahia	Estado da Bahia - Secretaria da Educação Colégio Estadual Juracy Magalhães Júnior - Área de Linguagens Educador: Jeã Lins Educando(a):
--	--

Encontro 03 - Um caminho de ferro em um pedaço da Bahia

Atividade 01

O TREM DE FERRO

Como se fosse de um mágico ou de um diretor de teatro, o primeiro apito da primeira locomotiva deu o sinal de despertar, o sinal de decolagem para todas as coisas.

NADAR, Quand j'étais photographe

Era o trem e seu apito, com a regularidade das chegadas e saídas, arrastando vagões de madeira, o anunciador das horas, relógio sonoro a despertar as criaturas, como se as avisasse que a vida, lá fora, seguia o curso silencioso e inexorável do tempo. Algumas faziam parte de sua freguesia, passageiros de idas e vindas constantes, conhecidos de todos, de caminhos limitados à extensão dos trilhos.

Um daqueles carros, com a palavra CORREIOS pintada de amarelo na lateral, logo me atraiu: debruçado na janela que lhe servia de moldura, viajava Alírio, guarda-fios, cujo ofício consistia no ir e vir, apurando a vista nos oito fios paralelos do telégrafo esticados pela via férrea, pouso ligeiro dos papa-capins, sofrês, curiós, expulsos palmo a palmo da mataria, antes farta. Magros postes de barras de ferro, espécies de caules de metal a contrastarem com o verde das beiradas, sustentavam aqueles fios, parceiros das malas postais. Também eles traziam novas, rápidas com velocidade de asas; na intuição sutil de muitos esses telegramas causavam fundados temores por adivinharem a pressa do amargo em dar as caras.

Naquele vagão me valia do privilégio da companhia da mãe, funcionária dos correios, ouvindo histórias de seus pares, agora aprendiz de guarda-fios e paisagens, móvel mundo,

passa ponte, passa poste, passa boi, passa boiada, passa riacho, passa galho de ingazeira debruçada no riacho, que vontade de cantar! Riobaldo, cavaleiro e sabedor das veredas do grande sertão, de cabo a rabo, remoía saudades dos tempos em que sacolejou igual a baiano nas bitolas estreitas, melhor, para a ideia se bem abrir, é viajando em trem de ferro. Pudesse, vivia para cima e para baixo, dentro dele.

No pouco viajar conheci duas ou três cidades não atravessadas pelo trem e a ausência dos apitos trouxe-me diversa geografia, dividida em duas partes: uma, rendilhada de trilhos por onde rolavam locomotivas transportando gentes e correspondências, cordão umbilical com os de fora e a outra, ao largo do corredor do mundo, roubados os meninos do *Café com pão / Café com pão Café com pão / Virge Maria que foi isso maquinista? / Agora sim / Café com pão / Agora sim / Voa, fumaça.*

Além dos viventes, o trem carregava malas postais grávidas de objetos de outras terras, outros mares, cujo parto se daria daí a horas na sala de nossa casa – o *Correio da Manhã*, a revista *Leitura*, a coleção “Maravilhas do Conto”, com capas em policromia editadas pela Cultrix, a revista *Seleções*, os catálogos da Comercial Hermes, os livros solicitados ao reembolso postal e, pairando acima de tudo, as cartas dos que partiram, dos vagabundos e dos que nunca voltaram.

Assim que o comboio e seu apito longo desapareciam por entre os bambuzais escurecidos ladeando o rio, já nos encontrávamos, eu e a mãe, carregando os sacos de lona pela ladeira íngreme de calçamento irregular, moradores de uma casa na parte alta, identificada por placa de ferro amarela – CORREIOS E TELÉGRAFOS -, casa única entre tantas tão iguais. Correios e Telégrafos, palavras cujo ressoo ainda me comove.

Desse modo corriam os dias para todos nós, fregueses da Estrada de Ferro Nazaré, com trezentos e vinte e cinco quilômetros de trilhos, sobre os quais deslizavam locomotivas a vapor, comendo sofregamente pilhas e pilhas de lenha ordenadas à margem, partes mortas do que restava da mata atlântica – figueiras, itapicurus, ipês e jequitibás destinados a arder nas suas fornalhas; Quando não se transformavam naquele fumo denso e negro a anunciar a passagem da máquina, viravam dormentes, dispostos transversalmente, sustentando e fixando aquele novo caminho, de ferro.

Principiada na década de setenta do século dezenove, no porto de São Roque, na Baía de Todos os Santos, a construção, de iniciativa particular, arrastou-se por cinquenta anos. No terceiro trecho, em São Miguel, acomodava-se o ponto de baldeação com o destino ao rumo oeste de Amargosa, onde a fumegante *Baldwin* parava, após lamber algumas toras

complementares de lenha. Nesse curto ramal de vinte e sete quilômetros as vilotas de Corta-Mão e Acaju adormeciam à beira.

Quem por Amargosa passou, vindo nos trilhos das letras, depois de subir ao telhado do mundo, serras do Julião, Negra, da Jiboia, do Cavaco, da Coroa, da Tartaruga, dos Milagres. Gira-girando, foi Macunaíma, na grandota viagem por esse mundão de Deus para, enfim, topar com o mocambo ilustre do igarapé Tietê; dispensou o trem e deixou-se correr sem peias, montando um aeroplano, pássaro formoso. Mário de Andrade, escrevente da aventura do herói sem caráter, resenhou esse acontecimento com os devidos pormenores.

Estacionara na promessa a história de que os trilhos do ramal de Amargosa seriam espichados sertão adentro até Malhada, passando por Ituassu, Caetité, seguindo trajetória existente, pisada pelos pioneiros e passadores a se aventurarem com bois à fortuna dos sertões, na rota das águas do São Francisco. Metia pena ver a esperança esfumar-se de vez com a notícia da morte da estrada. E a *Baldwin* nunca mais retornou. Naquele final, sem emprego, ficou ao léu durante anos a base circular sobre a qual a máquina volteava.

Os trilhos cortavam doze municípios do sudoeste da Bahia, dois deles no recôncavo e os demais na zona de Jequié. Trinta estações ao longo do caminho de ferro, algumas a parecerem pequenas habitações, permaneciam no aguardo de favorecer aquele trânsito. Nazaré das Farinhas tornou-se a mais singular. Seus mestres farinheiros eram os responsáveis pela alcunha enlaçada ao nome principal; eles, sobre todos, sabiam da farinha de mandioca, apurando-a com a melhor mão, finíssima, conhecida por copioba. E ali se instalou a sede da administração com pátio de manobras, oficinas gerais e funcionários aplicados ao manejo de tornos a construir e remendar peças para os carros vagões e locomotivas que teimavam em rodar.

A imponência da Estação, obra diferenciada das demais no percurso do trem, ganhava ressaltos no dístico da fachada de autoria do Monsenhor Turíblio Tertuliano Fiúza, professor de Castro Alves, que do lanitório ninguém escapava pelas vizinhanças, *Pervolat Ignivomums currus stridente vapore montesque fugiunt, subtrahi turque solum*. [Avança o carro com estridente vapor, vomitando fogo, enquanto os montes fogem e a terra desaparece.]

E lá ia o trem. Protegia-o dos bois na linha, a abrir os olhos dos maquinistas, Santa Luzia, padroeira dos ferroviários, e a treze de dezembro o apito das balduínas estridulava ritmadamente, decoradas como se roupas domingueiras vestissem.

Principiava a viagem pelo porto de São Roque e aí embarcavam os passageiros procedentes da Bahia, saídos dos navios da *Navegação Bahiana*; no correr, a locomotiva

cortava as terras baixas do Recôncavo entre os Rios Paraguaçu e Jaguaripe. Por aqueles lados, nos primórdios, um, por nome Gregório Nunes, viu-se às voltas com o Santo Ofício nos calcanhares por crer na realização do advento e na segunda vinda do Messias, ou quem sabe de Dom Sebastião, desaparecido em Alcácer-Kibir, primeira das muitas tentativas de atingir a Terra sem Males.

De Nazaré a Muniz Ferreira os trilhos faziam parceria com o curso do rio Taitinga e dele se despediam para ir ao encontro de Santo Antônio de Jesus, procedência de Pedro Kilkerry, dos mais bem realizados poetas simbolistas, obra dispersa em jornais e revistas, ausente da terra; por pouco que seja nem ao menos lhe deram o nome de rua. Para alcançar São Miguel das Matas cruzava o rio da Dona e, ali, iniciava o quarto trecho, descendo por entre montes, passando Laje e acompanhando o rio Jequiriçá, que dá nome ao extenso vale. Num dos seus pequeníssimos afluentes, o rio Casca, obra de alguns quilômetros de Santa Inês, com caatingas onde se ia catar frutos do licuri, a linha tomava o caminho de Jaguaquara. Daí percorria os últimos sessenta e cinco quilômetros e após escorregar pelo vale do rio Santa Rosa dava com os costados em Jequié, à borda do Rio de Contas, ponta dos trilhos e residência por uns tempos de Lindolfo Rocha, autor de *Maria Dusá*, dos primeiros romances descritivos da paisagem das lavras diamantinas e do labutar nos garimpos. Antes, a locomotiva parava numa das menores estações, Paixão, que há muito se esfumou, mas permanece suspensa, sem viveza, um retalho da palavra na parede lateral do prédio que teima em pé, grande incógnita do sensório e emotivo desse anônimo, impetuoso de alma, que lhe pôs esse nome.

No chegar e sair do trem teci a infância, infância ferroviária, ouvindo o som do aparelho Morse, embasbacado com a perícia dos telegrafistas a copiar de ouvidos os telegramas apanhados pelos sons metálicos, desdenhando das tiras de papel impressas com pontos e traços, leitura indispensável. O mais expedito dava-se ao luxo de bisbilhotar a vida dos transeuntes na plataforma da estação, atento simultaneamente ao seu ofício e ao burburinho dos embarques e desembarques.

Até o início da adolescência entretinha-me com um aparelhinho de principiante de telegrafista, mola de aço em tira para pressionar contra a base de contato metálico, auxiliado pelo manual do alfabeto Morse, ganhos do telegrafista Virgílio – o mais hábil de todos -, amigo da mãe e que decerto passara por aquele telégrafo.

Emanoel Castro Oliveira

- Quais foram os pontos do texto que mais chamaram a sua atenção?

- Qual o tempo predominante no texto?

- O autor constrói o texto a partir de suas memórias pessoais ou apenas de relatos que ele escutou?

- Quais palavras ou expressões presentes no texto você desconhece? Que tal pesquisar essas palavras ou expressões?

This image shows a full page of white paper with horizontal dashed lines, typical of primary-ruled notebook paper. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

This image shows a full page of handwriting practice paper. It features multiple rows of horizontal dashed lines, each row consisting of three parallel lines. These lines are designed to help children learn letter formation and alignment. The entire page is enclosed within a solid black rectangular border. There is no text or other markings on the paper.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No mesmo vagão, eu e alguém
 Conversa vai, conversa vem
 Chega a estação
 Lembrança vai, lembrança vem
 Meu coração
 Até hoje não desceu do trem
 (Martha Medeiros)

Ao final deste processo de concepção, fundamentação teórica e pesquisa de campo, o único desapontamento a mencionar foi a impossibilidade de aplicação da proposta de intervenção, pelo motivo já exposto. Contudo, essa circunstância adversa não implica na impossibilidade de aplicação posterior dessa proposta em outras escolas de Ensino Fundamental II. Certamente, outras comunidades deste imenso e tão diverso país têm muito a descortinar sobre seu passado e essas memórias individuais e coletivas poderão ser um fator agregador dos vínculos socioafetivos e de fortalecimento da autoestima das pessoas que as compõem.

A potencialidade de produções textuais na tipologia narrativa, no gênero memória, no ambiente de sala de aula, ao meu ver, é imensa. Creio que essas narrativas, uma vez compartilhadas, muito possivelmente iriam contribuir para o fortalecimento dos vínculos sócio-afetivos dos moradores da localidade de Cacha-Pregos. Em consequência, um novo olhar de cada pessoa que lá vive sobre si e sobre os demais teria uma ressignificação. Os laços de fraternidade e de pertencimento, acredito, se tornariam mais fortalecidos, à medida em que a humanidade entre os seres seria reconhecida nesse movimento de interação social. (HALBWACHS, 2004). Infelizmente, pelas circunstâncias já mencionadas, não terei como avaliar com maior propriedade acerca de minhas convicções, uma vez que este projeto se resumiu ao campo da proposição.

De Cacha-Pregos, trarei os momentos vivenciados intensamente nesses dois anos. O cheiro do mar; a vista da mata ainda tão exuberante; a sensação gostosa ao tocar a lama do manguezal, berçário de vida, acolhedores braços da velha Nanã. Momentos que já fazem parte de um passado há tão pouco vivido que, indubitavelmente, jamais esquecerei. Recordações de um povo que vive em harmonia e respeito com o meio-ambiente, de uma gente que sabe o quanto é imprescindível, para sua própria existência, respeitar a natureza, da qual todos e todas somos parte indissociável.

Como educador, este mestrado me mostrou quantas possibilidades existem para o aprimoramento do meu exercício docente. O conhecimento técnico e científico com o qual tive contato durante a duração do curso foram a matéria-prima para pavimentar o caminho

percorrido. Contudo, foram os mestres e as mestras os faróis que apontaram as melhores direções a serem seguidas. Espero não desperdiçar a oportunidade de ter vivenciado esse período tão desafiador e profícuo. Creio que a melhor maneira de atingir esse objetivo seja contribuir de maneira melhor para a promoção cidadã dos(as) jovens educandos(as) com os quais interajo em sala de aula. Manter tais conhecimentos construídos nesse mestrado guardados seria um desperdício intolerável.

REFERÊNCIAS

- ARAGÃO, M. L. Memórias literárias na modernidade. In: **Revista 003**. Jan/Jun. 1992. Disponível em: <https://peiodicos.ufsm.br/index.php/letras/article/view/11423/6898>. Acesso em: 8 abr. 2022.
- BAKHTIN, Mikhail. **Os Gêneros do discurso**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 6 mar. 2022.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua portuguesa**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. 106 p. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>. Acesso em: 8 mar. de 2022.
- BELCHIOR. Fotografia 3×4, música; LP, **Alucinação**. PolyGram, Rio de Janeiro, 1976.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas da Linguística Geral I**. 5. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005.
- BERGSON, Hemry, Matière et mémoire. In **Œuvres**. Paris, PUF, 1959.
- BOSI, Ecléa. **O Tempo vivido na memória: Ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: Lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.
- BRITO, Marilza E. Memória e cultura. Centro de Memória da Eletricidade no Brasil. Rio de Janeiro, 1989. (Caderno da Memória da Eletricidade: n.1). In: SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento. **Augusto Guzzo Revista Acadêmica**, São Paulo, n. 6, p. 14-18, mai. 2003. Disponível em: http://www.fics.edu.br/index.php/augusto_guzzo/article/view/57>. Acesso em: 7 mai. 2022.
- CANDIDO, Antonio. O Direito à literatura. In: **Vários Escritos**. Duas obre azul. São Cidades/Ouro sobre azul. São Paulo, Rio de Janeiro, 4ª ED., 2017.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2019.
- Dicionário brasileiro da língua portuguesa**. Editora Melhoramentos, Ltda, 2015. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/creditos/>. Acesso em: 11 mai. 2022.
- DUARTE, N.; MARTINS, L. M. As Contribuições de Alesksei Nikolaevich Leontiev para o entendimento da relação entre educação e cultura em tempos de relativismo pós-moderno. In: FERRO, O. M. R.; LOPES, Z. A. L. (Org.) **Educação e Cultura: Lições Históricas do Universo Pantaneiro**. Campo Grande: Editora da UFMS, 2013. p. 49-74.
- EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Editora Malê, 2008.

- GOMES, Célia Conceição Sacramento. **Maré subiu, maré desceu**: Louvores a Santo Amaro de Caixa-Pregos no trânsito festivo para Jaguaripe. Universidade Federal da Bahia, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos. Salvador, 2017. 155 f.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 1950.
- HIGOUNET, Charles. **História concisa da escrita**: Tradução Marcos Marcionilio. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- LEJEUNE, Philippe. **O Pacto autobiográfico**. De Rosseau à internet. Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão e Irene Ferreira. Campinas, SP: UNICAMP, 1990.
- LEONTIEV, A. **O Desenvolvimento do psiquismo**. São Paulo: Centauro, 2004.
- LOPES, P.R.D. & R.A. MIRANDA. 1995. **Notas sobre a alimentação de ogcocephalus vespertilio** (Linnaeus, 1758) (Teleostei, Ogcocephalidae) na localidade de Cacha Pregos (Ilha de Itaparica), Estado da Bahia. Acta Biol. Leopold. 17.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MARLEY, Bob. Buffalo soldier, música; LP, **Legend**. Tuff Gong/Island. Kingston, 1984.
- MEDEIROS, Martha. **Poesia reunida**. Porto Alegre: L&M, 1999.
- MOURÃO, C. A, FARIA, N. **Memória. Psicologia**: Reflexão e Crítica, 2015, v. 28, n. 4, p. 780-788. Disponível em <https://doi.org/10.1590/16787153.201528416https://doi.org/10.1590/16787153.201528416>. Acessado em: 3 set. 2022.
- NASCENTES, Antenor: **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1966.
- OLIVEIRA, Emanuel Castro. **Cartografia da memória**. Rio de Janeiro: Editora 7Letras, 2009.
- POLLAK, Michael. “Memória, esquecimento, silêncio. In: **Estudos históricos**, 2 (3). Rio de Janeiro, 1989.
- SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.
- SOUZA, Julieta. **Como escrever memórias literárias?** Youtube, 4 de jun. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=W5THrmSsLCw>. 10 mar. 2022.
- Texto Narrativo**. Educa Mais Brasil, 2020. Disponível em:

<https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/lingua-portuguesa/texto-narrativo>. Acesso em: 6 jan. 2023.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 1998.

TRAVAGLIA, L. C. Tipologia textual, ensino de gramática e o livro didático. In: HENRIQUES, C. C.; SIMÕES, D. (org.) **Língua e cidadania**: novas perspectivas para o ensino. Rio de Janeiro: Ed. Europa, 2004, p. 114-138.

YANG Y, RAINE A (2009). **Prefrontal structural and functional brain imaging findings in antisocial, violent, and psychopathic individuals**: a meta-analysis.

<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2784035/> Acesso em: 13 jul. 2022.